



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

ANDREA LEITE DA COSTA

***A CARTA A MENECEU (SOBRE A FELICIDADE) COMO RECURSO
DIDÁTICO-PEDAGÓGICO AO ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO***

**MANAUS-AM
DEZEMBRO 2021**

ANDREA LEITE DA COSTA

***A CARTA A MENECEU (SOBRE A FELICIDADE) COMO RECURSO
DIDÁTICO-PEDAGÓGICO AO ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO***

Dissertação apresentada ao colegiado do Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Federal do Amazonas (PRO-FILO-UFAM), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Valcícléia Pereira da Costa.

**MANAUS-AM
DEZEMBRO 2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Costa, Andréa Leite da
C837c A carta a Meneceu (sobre a felicidade) como recurso didático-
pedagógico ao ensino de filosofia no nível médio / Andréa Leite da
Costa . 2021
101 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Valcícléia Pereira da Costa
Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Carta a Meneceu. 2. Ensino de filosofia. 3. Epicuro. 4.
Epicurismo. 5. Ética epicurista. I. Costa, Valcícléia Pereira da. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sr. Alberto Fernandes da Costa Filho e Sra. Tânia Teodora Leite da Costa, que nunca mediram esforços para que seus filhos tivessem uma boa formação.

Aos meus irmãos, Adriano (*in memoriam*) e Bruna, por sempre dividirem as alegrias de minhas conquistas.

À minha amada filha Camila, pelo incentivo e pela paciência nas crises de estresse.

Ao Antônio, pelas orações, pelo incentivo, carinho, companheirismo e pela felicidade.

Ao meu tio, Paulo Sérgio, e minha madrinha, Maria de Nazaré (*in memoriam*), pelo apoio durante toda a minha carreira acadêmica.

Ao querido Professor Doutor Luiz Fernando Souza Santos (*in memoriam*) por todos os ensinamentos que ficarão sempre presentes em minha vida.

Aos meus amigos, companheiros de mestrado, Gerson, James, Martinho e Mauro, pela troca de experiências, pelos risos.

À Professora Doutora Valcicléia Pereira da Costa, minha orientadora, pelas suas enriquecedoras contribuições e pela confiança.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que proporcionou a realização desse trabalho.

Aos verdadeiros amigos, que sempre estiveram do meu lado nesta caminhada torcendo e acreditando. Obrigada a todos!

Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz. (EPICURO, 2002, p. 21).

RESUMO

A pesquisa utiliza os principais elementos da ética epicurista, verificando de que forma podem ajudar a pensar e propor estratégias e métodos para auxiliar a superar as dificuldades de leitura e de escrita vivenciadas, durante as aulas de filosofia no ensino médio. Sob o viés de uma revisão bibliográfica da obra de Epicuro de Samos - *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*, mostrou-se possível a proposição de relações pertinentes, bem como sua contribuição para o ensino de filosofia e para o debate ético contemporâneo. Utilizando *a Carta sobre a felicidade (a Meneceu)* como recurso didático e a proposta metodológica da sequência didática, pretende-se averiguar como a doutrina epicurista pode cultivar, nos alunos, não somente o interesse pela filosofia, como também se ela pode ajudar nas dificuldades na leitura, estimulando a produção de textos e se os temas postulados pelo epicurismo continuam sendo relevantes. Procurou-se ampliar propostas de atividades filosóficas metodológicas retomando o estudo da doutrina epicurista e suas concepções éticas, tendo como objetivo compreender o corpus epicurista e seus desdobramentos e de que forma o pensamento de Epicuro pode auxiliar a pensar estratégias para as aulas de filosofia.

Palavras-chave: Carta a Meneceu; Ensino de filosofia; Epicuro; Epicurismo, Ética epicurista

ABSTRACT

The research uses the main elements of Epicurean ethics, verifying how these elements can help to think and propose strategies and methods to help overcome the reading and writing difficulties experienced during philosophy classes in high school. Under the bias of a bibliographic review of the work of Epicurus de Samos - Letter on Happiness (a Meneceu), it proved possible to propose relevant relationships and their contribution to the teaching of philosophy and to the contemporary ethical debate. Using the Letter on Happiness (Meneceu) as a didactic resource and the methodological proposal of the didactic sequence, it is intended to find out how the Epicurean doctrine can cultivate an interest in philosophy in students, if it can help with reading difficulties, stimulate production of texts and whether the themes proposed by Epicureanism continue to be relevant. An attempt was made to expand proposals for methodological philosophical activities, resuming the study of Epicurean doctrine and its ethical conceptions, with the objective of understanding the Epicurean corpus and its developments and how Epicurus' thought can help to think about strategies for philosophy classes.

Keywords: Letter to Menecius; Philosophy teaching; Epicurus; Epicureanism, Epicurean ethics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I- O FILÓSOFO E O JARDIM	11
1.1 O filósofo do jardim.....	14
1.2 O jardim da philía	21
1.3 O filosofar no jardim: um modelo de ensino?.....	25
CAPÍTULO II- OS CAMINHOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL.....	34
2.1 A filosofia no ensino médio.....	44
2.2 Filosofia e a BNCC.....	49
2.3 Por que a escolha da ética em Epicuro?.....	52
CAPÍTULO III- O JARDIM DAS REFLEXÕES: ABORDAGEM DO EPICURISMO NO ENSINO MÉDIO.....	56
3.1 O ensino de filosofia e a pandemia.....	64
3.2 Epicurismo no ensino de filosofia: espalhando sementes.....	69
3.3 O Epicurismo através da sequência didática.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A.....	83
APÊNDICE B.....	83
APÊNDICE C.....	84
APÊNDICE D.....	84
APÊNDICE E.....	85
APÊNDICE F.....	85
APÊNDICE G.....	86
APÊNDICE H.....	86
APÊNDICE I	87
APÊNDICE J	87
APÊNDICE L	88
APÊNDICE M.....	88
ANEXO 01.....	89
ANEXO 02.....	90

ANEXO 03.....	91
ANEXO 04.....	92
ANEXO 05.....	93
ANEXO 06	94
ANEXO 07	95
ANEXO 08.....	96
ANEXO 09.....	97
ANEXO 10.....	101

INTRODUÇÃO

Este estudo se inicia a partir da observação das dificuldades oriundas do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de filosofia no ensino médio. Diante dessas observações, tornou-se fundamental refletir: como ensinar filosofia? Que elementos podemos utilizar para otimizar o processo de ensino? Como Epicuro e suas obras pode despertar no aluno o interesse pela filosofia?

Essa pesquisa se desenvolve por meio da busca pela articulação dos principais elementos da ética epicurista, verificando de que forma pode ajudar a pensar e propor estratégias e métodos para auxiliar nas dificuldades vivenciadas durante as aulas de filosofia no ensino médio.

O texto filosófico é o principal elemento da estrutura metodológica para o ensino de filosofia dessa pesquisa. Sob o prisma de uma revisão bibliográfica da obra de Epicuro, pode-se levantar algumas questões relevantes: é possível tornar um texto filosófico acessível e interessante? Quais textos e quais temáticas seriam possíveis abordar com os alunos do ensino médio? Pensando nessas problemáticas, tomou-se a sequência didática como uma perspectiva metodológica para a leitura de textos filosóficos e os textos de Epicuro com a temática da ética como um campo conceitual a ser abordado.

Utilizando o texto de Epicuro, *a Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, como um recurso didático, pretende-se propor relações pertinentes, entre as questões éticas antigas, enriquecendo assim o debate ético contemporâneo. Desta forma, levantamos como ponto de partida as seguintes perspectivas acerca da filosofia e seu ensino: 1) como a doutrina epicurista pode cultivar nos alunos o interesse pela filosofia? 2) a filosofia pode ajudar nas dificuldades da leitura e estimular a produção de textos? e 3) o *corpus* epicurista pode orientar as diretrizes para os jovens dialogarem sobre os problemas da atualidade?

A partir desses questionamentos, é válido conjecturar um ensino que possibilite ao aluno a participar da construção de seus conhecimentos, tendo contato com parte fundamental do ensino de filosofia que é o texto filosófico. Considerando o ensino de filosofia no nível médio, o objetivo, a partir da sequência didática, é mostrar como será utilizado o texto de Epicuro e como o epicurismo pode auxiliar nas questões propostas na justificativa teórica.

Para tal, inicialmente, foi abordada a doutrina filosófica de Epicuro, considerando-a em relação à sociedade, à cultura e ao contexto histórico em que foi elaborada e difundida. Trata-se de levantar alguns pontos da doutrina epicurista e estabelecer os princípios pelos quais é possível viabilizar a sua proposta de ensino em sua escola, fazendo uma ponte com os dias atuais. Em seguida, foi possível discorrer brevemente sobre a história do ensino de filosofia no Brasil, sua presença/ausência, os documentos norteadores, o ensino de filosofia no novo ensino médio e se existe a possibilidade de inserir o epicurismo, nessa nova proposta. E, por fim, foram explanadas algumas considerações sobre o ensino de filosofia e as dificuldades encontradas no seu ensino, o papel do agente de ação (o professor) no cultivo da filosofia e sua importância na formação dos jovens e a estrutura das aulas com a sugestão de utilização do texto *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)* como recurso didático, assim como de que modo a Carta poderá motivar os estudantes a compreensão/interpretação dos textos filosóficos, a partir da sequência didática.

CAPÍTULO I- O FILÓSOFO E O JARDIM

Durante o período helenístico, novas correntes de pensamento destacam-se: o estoicismo, o ceticismo, o cinismo e o epicurismo. Diferentemente das escolas clássicas que preparavam os homens para a vida política, as escolas helenísticas apresentavam uma proposta educativa que visava, como preocupação fundamental, apontar os elementos essenciais para encontrar a felicidade e a paz de espírito diante de uma sociedade em crise. A proposta das três escolas marcou profundamente esse período histórico, pois procurou preencher o vazio existencial do homem grego e de certa forma apontou um direcionamento para a sociedade que se organizava.

O período helenístico caracterizou-se pela tentativa de fusão da cultura grega e oriental, fato ocorrido devido à expansão do Império Macedônico, iniciada por Filipe da Macedônia, sendo continuada e ampliada por seu filho Alexandre e depois pelos romanos, em seu processo de conquista, fato que

diminuiu o contraste entre as culturas ocidentais (grega e romana) e as orientais.

O contexto cultural muda após a Batalha de Queroneia (338 a.C.), quando os gregos foram derrotados pelos macedônicos, implicando em uma série de mudanças, inclusive restrição político-social, o que incidia diretamente na noção de liberdade grega. Com o fim da autonomia das cidades-estados, emerge com mais força o sentimento de busca pela liberdade, mesmo que seja em outros moldes. A despeito dos macedônicos forçarem a sua inserção no organismo político-social e territorial dos gregos, estes continuaram o seu processo de difusão cultural, sendo, de alguma forma, ampliada pelo seu invasor, motivo pelo qual é conhecida, em quase todos os impérios mediterrâneos, durante o chamado período helenístico. Atenas permanece como centro das investigações epistemológicas – filosófica e científica - estendendo o seu modelo a outros centros da época como Alexandria, que passou também a ser um dos focos de atividade intelectual.

Nesse período, as ciências conhecidas da época passam a ter maior autonomia. Foi um momento considerado esplêndido para a Matemática (a ciência do cálculo), a Astronomia, a Geometria e a Física (ciências baseadas na observação). Esse novo rumo, dado pelos macedônicos ao mundo grego, torna impossível a participação ativa do indivíduo no governo da *pólis*, aquele que o grego conhecera nos períodos anteriores, sobretudo no sistema democrático. A formação cidadã deixa de ser preparação para a vida política, passando a se ocupar do aprimoramento interior do homem. Neste contexto, a ética torna-se o centro das especulações filosóficas das escolas helenísticas.

A proposta das escolas helenísticas é a busca do “bem” num sentido diferenciado, onde os indivíduos possam, através de suas escolhas individuais, alcançar a serenidade interior diante de qualquer circunstância adversa. A concepção de bem não possui um sentido nem metafísico e nem político, como nos moldes anteriores, e há uma ênfase na abordagem ética. Nas filosofias helenísticas o bem possui uma acepção estritamente existencial, incluindo todos os aspectos da vida (biológica, psicológica e social): o bem passa a ser sinônimo do que é bom para a vida do homem, em sua acepção denominada atualmente como biopsicossocial. Para alcançar o caminho que conduz à serenidade e à imperturbabilidade da alma, algumas correntes filosóficas, como

o epicurismo e o estoicismo, procuram na compressão da natureza das coisas (físicas e lógicas) o alicerce de sua concepção moral. Essas escolas surgem no momento em que não há mais liberdade política e nem o sentido de cidadania que a democracia ateniense permitia a alguns, aos que eram considerados cidadãos (homens livres nascidos em Atenas). Sob o domínio macedônico, não há mais a condição de reunir os cidadãos nas assembleias para discutir e forjar as leis. Com a mudança forçada, as leis passam a emanar de cima, vem diretamente da vontade de Felipe ou de Alexandre e todos são súditos desses soberanos e têm que se curvar diante de sua vontade. Mas, por outro lado, nesses momentos de repressão, de cerceamento da liberdade pública, há todo um universo a ser conquistado e trabalhado que é o universo interior, que pode ser objeto de um processo de libertação pessoal.

Na Grécia antiga, a ética estava ligada à atuação política, ou seja, à participação direta do cidadão em todas as ações da *pólis*. Tratava-se, no entanto, de atuação restrita apenas aos homens considerados juridicamente livres. Já no âmbito da vida privada prevalecia a desigualdade e a ausência de liberdade para uma parcela significativa da população, uma vez que as mulheres, os escravos e os estrangeiros eram excluídos do processo político-social, sua presença consistia na subsistência da vida na *pólis* em atividades relacionadas ao corpo: a mulher pela procriação e administração da casa, o escravo pela execução das várias atividades práticas designadas pelos governantes das cidades e os estrangeiros pela sua participação em atividades comerciais e artesanais.

O epicurismo adota uma ética voltada para a busca da felicidade (*eudaimonía*) considerando as condições da época. É uma ética que marca sua posição em relação aos outros modelos éticos, anteriores e de sua época, contribuindo dessa forma para o enriquecimento do debate ético, inclusive o contemporâneo. É em meio ao processo de investigação e busca de uma vida não mais circunscrita a uma *pólis*, mas ao cosmos que Epicuro elabora o seu pensamento filosófico, conforme compreende Savian-Filho:

Talvez por isso se compreenda que o eixo de seu pensamento seja a ética, ou melhor, que a sua filosofia seja fundamentalmente uma ética, pois se percebe que seu pensamento procura responder não apenas teoricamente, mas existencialmente às interrogações postas

pelos indivíduos do novo mundo, em face da tarefa de sua auto-realização. (SAVIAN-FILHO, 2009, p. 13).

Esse pensamento pode ser explicado pelo fato de que Epicuro não sobrevalorizava o saber da ciência, em detrimento do saber viver. Observa-se que a ética epicurista preconiza uma filosofia prática, no sentido de orientar a ação humana na vida individual, no universo das relações consigo mesmo e nas relações com o cosmos. O filósofo fundou sua escola em Atenas, em um momento turbulento de sua história política e intelectual. Momento em que as conquistas de Alexandre exigiam dos gregos que se privassem de sua liberdade e cidadania e, do filósofo, de certo modo abandonar o espírito livre do filosofar.

Desse modo, a principal característica da investigação filosófica naquele momento era pensar sobre si e sobre a liberdade. Uma liberdade que fosse exercida interiormente, promovendo a *autárkeia* (que, segundo Epicuro, diz respeito à própria condição do sábio: aprender a bastar-se a si mesmo), a autossuficiência, a autonomia e a auto-realização. Nesse contexto, a doutrina epicurista tenta orientar e ensinar ao homem sobre a possibilidade de ser feliz apenas com o necessário, diante das adversidades e assim seguir satisfeito e alegre, como também ter prazer e, sobretudo, não temer os infortúnios da vida. É nesse sentido que Lima Vaz (1999) afirma que “Epicuro talvez tenha sido o primeiro filósofo a elaborar uma filosofia que fosse ao mesmo tempo, visão de mundo e forma de vida” (apud Savian-Filho, 2009, p.04).

1.1 O FILÓSOFO DO JARDIM

Atenas enviou vários colonos para a região de Samos, onde ocorreu uma partilha de terras em 352 a.C. Entre eles estavam os pais de Epicuro (341-270 a.C), Néocles e Queréstrata. Apesar da linhagem nobre, eram uma família humilde. Seu pai era um dos responsáveis pela educação dos filhos dos colonos. Ali nasceu Epicuro, criado no campo, de forma simples. Sua mãe era adivinha e curandeira, visitava as casas fazendo previsões, tratando os doentes e conjurando fórmulas contra o mau-olhado. Epicuro a acompanhava e recitava as fórmulas mágicas dos pequenos rituais contra maldições. A experiência com sua mãe fez o filósofo perceber que a superstição e o temor

pelos deuses eram, na verdade, fonte de sofrimento e infelicidade. Tudo isso iria influenciar uma das grandes correntes filosóficas da antiguidade: o epicurismo.

Nascido e criado na ilha grega de Samos, aos 18 anos foi para Atenas, cumprir seus dois anos de preparação militar. Após a morte de Alexandre, o Macedônio, e a expulsão dos colonizadores atenienses de Samos, Epicuro deixou Atenas para juntar-se a sua família em Cólofon. Lá, ficou por algum tempo e reuniu os seus adeptos em torno de si, mas em seguida retornou a Atenas (LAËRTIOS, 2008, p.283).

Manifestando desde muito cedo certo “apetite” pela filosofia, “o próprio Epicuro narra que teve o primeiro contato com a filosofia aos quatorze anos de idade” (LAËRTIOS, 2008, p.283). Começou a ensinar sua doutrina por volta do ano de 311 em Mitilene, onde enfrentou o aristotelismo que estava em evidência naquele lugar. Depois, em Lâmpsaco, sofreu perseguições devido aos seus ataques contra a influência da astrologia e da teologia astral, naquela região. Essas primeiras experiências fizeram com que ele agrupasse em torno de sua doutrina alguns familiares que vão segui-lo, ao instalar sua escola em Atenas.

Por volta do ano de 306 a. C., Epicuro adquire uma casa nos arredores de Atenas, acrescida de um jardim. O jardim logo serviu para identificá-lo como o “filósofo do jardim” e como “os do jardim”, designação atribuída em sentido estrito aos seus discípulos. No jardim, sua filosofia induzia ao cultivo da Amizade e da Felicidade. Sua escola estimulou um modo de vida comunitário onde cultivavam o seu próprio alimento, tanto para o fortalecimento do corpo – ao cultivar hortaliças – quanto para a tranquilidade da alma – ao exercitar a atividade filosófica.

Epicuro viveu no período helenístico, contexto que vai exercer influências na sua maneira de conceber e praticar a filosofia. Ele vivenciou um período conturbado, em que os gregos, especialmente os atenienses, enfrentavam os efeitos da perda de sua liberdade, momento em que foram obrigados a procurar “novas referências da natureza moral que, segundo parece, a filosofia está em condições de lhes proporcionar” (GIOVACCHINI, 2019, p.35). Apesar das dificuldades, Giovacchini ressalta que nesta época também ocorreram mudanças consideradas favoráveis:

Devido aos progressos da navegação, mas também ao surgimento de uma língua grega comum, a *koiné*, que se impõe no conjunto de territórios conquistados por Alexandre, a bacia mediterrânea se torna uma formidável plataforma de intercâmbio.

O mundo helenístico ampliou consideravelmente as fronteiras e o conhecimento progrediu na mesma proporção. O pensamento clássico havia formulado, com uma clareza notável, certo número de questões fundamentais tanto sobre a natureza da mente e do conhecimento quanto sobre as principais noções a respeito da moral. (GIOVACCHINI, 2019, p.35-36).

Essas mudanças, consideradas favoráveis, levaram a uma revolução cultural inimaginável: a cultura helenística chegou a todos os povos conquistados e os helênicos sofreram grande influência das mais diversas culturas, particularmente das orientais. No entanto, a reviravolta política que modifica as Cidades-Estados gregas, subordinando-as às monarquias autoritárias alexandrinas, comprometendo toda a liberdade e a felicidade dos povos gregos, uma vez que perdem seus direitos de participação nas decisões da pólis.

É nesse cenário de perda de direitos políticos que Epicuro ensina que, no cerceamento da liberdade, há todo um universo interior que pode ser conquistado num processo de libertação pessoal. Em tempos de adversidades, diz ele, o homem pode e deve ser feliz e buscar o prazer, porque, segundo o filósofo, todos somos predestinados a sermos felizes e “é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la” (EPICURO, 2002, p. 23).

A filosofia para o Epicurismo, “é aprender a viver bem com prazer e moderação, ou seja, prazer em tudo o que faz e moderação nos costumes” (SPINELLI, 2009, p.75). Esses termos *prazer* e *moderação* Epicuro resumem em apenas um item: a *eustatheía* que expressa o significado de estar bem, pressupõe uma permanência enquanto modo de ser que seria uma boa disposição, condição de equilíbrio e estabilidade duradoura.

É importante a percepção de que esses ensinamentos servem para a vida cotidiana, e tem reflexos, sobretudo, nos processos educacionais e de aprendizagem que são preconizados, atualmente. A autonomia no agir pessoal e coletivamente, como responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, são atributos indispensáveis e necessários para os jovens para a construção de sua carreira acadêmica e devem ser desenvolvidos,

principalmente pelas disciplinas pertencentes às Ciências Humanas nas escolas, no decorrer de sua escolarização, é o que afirma a *Base Nacional Comum Curricular* no item 10, nas competências gerais da educação básica: “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (BNCC, 2018, p.09).

O projeto de felicidade proposto por Epicuro, que vai ao encontro de da proposta deste trabalho, está vinculado à satisfação, à alegria, ao viver com prazer e, sobretudo, com autonomia. Ele propõe uma libertação interna: há em nós um universo a ser conquistado que é nosso universo interior e ele pode ser objeto de um processo de libertação pessoal. Se é a saúde que está sendo procurada, que seja então a saúde da alma (*ataraxía*), e para Epicuro essa saúde deverá ser conquistada pelo afastamento da ignorância, das credices, do obscurantismo, ou seja, pelo uso de um conhecimento que aclara a vida interior e faz com que o homem compreenda seu próprio papel.

Sua doutrina continua atual e, no que diz respeito à educação, não há como negar a pertinência de sua filosofia, mesmo que de forma indireta ou pouco visível. Como exemplo, é possível observar que, no item 08 das competências gerais da educação básica da *Base Nacional Comum Curricular*, há abordagens que podem ser associadas à proposta epicurista: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BNCC, 2018, p. 09). A associação é possível, a partir da importância atribuída pelos epicuristas da busca de uma saúde integral para uma boa convivência na sociedade. A proposta epicurista pode parecer desmedida: de fato o projeto da ética epicurista é viver “como um deus entre os homens” (EPICURO, 2002, p.51). Isso não significa afirmar que o presente trabalho vislumbra alcançar uma “salvação”, mas buscar possibilidades para conseguir esse estado filosófico, que possa promover no homem mudanças reais na vida individual e no universo das suas relações sociais.

A prática da filosofia para os epicuristas livra os homens das dores (psíquicas) futuras e liberta dos sofrimentos atuais. Assim como um médico deve recorrer a tratamentos mais drásticos para socorrer um enfermo tentando

reverter seu estado atual e visando o bem estar de sua saúde futura, a medicina epicurista propõe aliviar os sofrimentos atuais e prevenir as doenças futuras.

O “medicamento” proposto por Epicuro capaz de produzir esse processo de “cura” do corpo e da alma, apresenta-se indiretamente em sua *Carta sobre a felicidade* e ficou conhecido como *tetrapharmakón* ou o quádruplo remédio. Podemos encontrar várias formulações no corpus epicurista, uma delas está na obra de Diogenes Laértios:

Crê, então, Menoiceus, que ninguém é superior a tal homem. Sua opinião em relação aos deuses é piedosa e ele se mostra sempre destemeroso diante da morte. Ele reflete intensamente sobre a finalidade da natureza e tem uma concepção clara que o bem supremo pode ser facilmente atingido e facilmente conquistado, e que o mal supremo dura pouco e causa sofrimentos passageiros. (LAÉRTIOS, 2008, p. 313-314).

O quádruplo remédio são quatro proposições que podem ser resumidas em: não temer aos deuses, não temer a morte, a felicidade é fácil ser alcançada e nenhum sofrimento será eterno. A “terapia epicurista” do *tetrapharmakon* pode ser dividida em duas partes: as duas primeiras proposições dirigem-se unicamente ao intelecto, pois basta compreender a natureza das coisas para saber que não são os deuses, mas a dinâmica do universo através dos átomos em movimento que quando separados do organismo causam a morte. Já a terceira a quarta proposições são de natureza da ética: ensina a lidar com o prazer e a dor. Porém, não basta apenas fugir de todos os infortúnios para se ter uma vida feliz.

Na obra *Máximas Principais*, no aforismo V, o filósofo ressalta que para uma vida feliz é importante “viver prudentemente, belamente e justamente” (EPICURO, 2010, p. 21). O mesmo ensinamento encontra-se na *Carta sobre a felicidade*, mostrando coerência na busca de uma vida melhor:

De todas as coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que se origina as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. (EPICURO, 2002, p. 45).

Pessanha (2007) observa que essa felicidade permitida pelo conhecimento aclarador é possível porque o filósofo a associa também à

procura permanente do prazer, o que exemplifica que na verdade o homem não existe em função do sofrimento, o que possibilita inferir que o sofrimento é uma circunstância que não determina a vida do homem e sua virtude está em autodeterminar-se, apesar do sofrimento que aparentemente vem com a fatalidade. A busca da serenidade é uma procura que retira o homem das turbulências da pólis. Porém, ele não se isola. Ele se recolhe dentro de si mesmo e somente assim seu projeto poderá ser realizado. É importante destacar qual o sentido de prazer ao qual Epicuro se refere e que ele associa à felicidade. Em sua epístola direcionada ao amigo Meneceu Epicuro escreve:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. (EPICURO, 2002, p. 43).

Nessa passagem da Carta, Epicuro esclarece a qual tipo de prazer ele se refere: não é qualquer tipo de prazer corpóreo que é efêmero, mas a um prazer em sentido amplo que contempla as dimensões físicas e psíquicas. O filósofo associa a saúde do corpo e a tranquilidade da alma ao prazer. Na posse dessa completude entre corpo e alma, os homens sentem-se satisfeitos e não sentem necessidade de nada, ao passo que, na sua ausência, passa-se a ter necessidade de prazer. Desta forma, o prazer não pode ser um fim imediato e sim uma finalidade para a vida inteira.

Na doutrina epicurista, faz-se necessário saber distinguir o verdadeiro prazer dos prazeres que resultam em insatisfações. O verdadeiro prazer, para os epicuristas, não está na busca de uma satisfação momentânea, muito menos no acúmulo de bens e riquezas: na verdade, precisa-se de bem pouco para ser feliz. Então, o máximo de prazer consiste na conquista da imperturbabilidade da alma (*ataraxía*). Porém, só se chega a ela distinguindo a diversidade dos desejos. Na mesma Carta Epicuro distingue os desejos em: 1) naturais e necessários: os ligados à preservação da vida do indivíduo, como, por exemplo, comer, beber, descansar, etc.; 2) naturais e não necessários: desejos oriundos das variações supérfluas dos prazeres naturais, como exemplo, comer bem, beber bebidas refinadas, etc.; e 3) nem naturais nem necessários: são os desejos vãos, aqueles que são ligados à obtenção de

riquezas, poder, honra, etc. Os prazeres naturais e necessários seriam os únicos válidos, pois subtraem a dor do corpo,

Na estratégia de Epicuro, analisar o prazer é associá-lo à saúde do corpo e da alma. Na visão epicurista, a imperturbabilidade compõe o prazer, sendo a prudência (*phrónesis*) a virtude que auxilia a ponderação de fazer as escolhas que levam a uma vida feliz. Na *Carta a Meneceu*, a prudência é chamada de “princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa que a filosofia; é dela que originam todas as demais virtudes” (EPICURO, 2002, p.45).

O sábio seria o prudente, aquele que entende que sua vida depende de suas escolhas baseadas, sobretudo, na busca dos prazeres corpóreos e não corpóreos. Não atribui sua sorte aos deuses, embora os respeite e venere; ele sabe que tudo em sua vida depende de suas escolhas. Na linguagem moderna, “o sábio será aquele que assume sua responsabilidade moral sobre a existência, pois deixa de atribuir aos deuses a sua sorte” (SAVIAN-FILHO, 2009, p. 16).

O exercício de reflexão, proporcionado pelo pensamento filosófico, permite aos jovens refletirem sobre as suas escolhas, baseadas nas responsabilidades sobre si mesmos, os outros e o mundo, proporcionando uma análise consciente e crítica de seu papel na sociedade contemporânea. Teoricamente, a *Base Nacional Comum Curricular* incentiva o favorecimento do chamado protagonismo juvenil, possibilitando aos jovens estudantes a autonomia necessária ao processo de aprendizagem, que seria como um ponto de partida para a reflexão crítica e para a construção de uma atitude ética.

Para Moraes (1998), é sábio quem desfruta dos prazeres relacionados à Filosofia em uma atividade plenamente autárquica, ao passo que as atividades da vida pública, capacidade e virtudes ético-políticas como, por exemplo, a justiça, a coragem, entre outras, necessitam dos outros para se atualizarem. Sendo assim, os prazeres relacionados à vida cidadina promovem uma felicidade efêmera e incompleta, se comparada à *eudaimonía* investigada e proposta pelo filósofo.

A *authákeia*, entendida como independência, preocupa os filósofos muito antes da conquista macedônica. Naquele contexto, a autarquia moral da consciência estava fortemente ligada à ética da cidadania (MORAES, 1998). A

autárkeia que Epicuro propõe naquele momento é o desvio das fatalidades das circunstâncias políticas e sociais, era o desvio da doença do qual era acometido (cálculo renal) e de sua pobreza. Ele não está condenado ao sofrimento, pois ele será alegre ou triste dependendo de como ele administra-se interiormente. O filósofo prova sua autodeterminação através de palavras, textos e, sobretudo, em seu exemplo de vida.

1.2 O JARDIM DA PHILÍA

Para que seja possível aproveitar a vida com a devida excelência, segundo a doutrina de Epicuro, deve-se contar com a presença dos amigos. A amizade (*philía*) é uma necessidade, precisa ser cultivada e fortalecida para que os seus benefícios sejam percebidos, conforme se pode depreender das palavras de Diôgenes Laêrtios: “Da mesma forma que lançamos a semente na terra, devemos tomar a iniciativa da amizade; depois ela cresce e se transforma na vida em comum entre todos aqueles que realizaram plenamente o ideal da agradável serenidade” (LAÊRTIOS, 2008, p. 31).

Os laços de amizade devem possuir amabilidade, carinho, justiça, igualdade. Ser amigo é tratar o outro como tratamos a nós mesmos! Tal relação, no entanto, deve ser precedida por um cuidado dirigido por e perante si mesmo. A amizade é uma relação de afetividade mútua e não uma relação de favores. É bem verdade que ela começa a partir de interesses individuais. Mas, uma vez consolidada, passa a se reger pelo recíproco amor empreendido por aqueles que se dizem amigos. Ela é, ainda, o mais importante fruto da sabedoria.

O sábio é aquele que conhece e cuida de si mesmo e, por ser assim, está disposto a oferecer os melhores sentimentos que possui àqueles em cuja proximidade escolheu viver. É a amizade, para o epicurista, o melhor meio para se desfrutar de uma vida serena e feliz. Em outras palavras: um dos caminhos para alcançar a serenidade de espírito e a paz no coração é cultivando a amizade.

Epicuro entendeu que a amizade era o maior bem a ser cultivado, motivo de ser tema de boa parte de seus escritos. Para ele, a convivência com os amigos era um dos caminhos para a verdadeira felicidade. Para Spinelli (2011),

Epicuro levou para o jardim a prática da *philia* como um teste de reconstituição da *pólis*.

Epicuro anunciou a seguinte alternativa: vida política ou serenidade. O filósofo aponta para a vida pública como um grande campo de batalhas e antagonismos, como continua sendo até os dias atuais. A vida pessoal deve ser de serenidade. O que ele quer mostrar com isso? A leitura que se pode fazer é que: não se pode pretender que o universo público esteja a serviço da felicidade pessoal, porém não se pode priorizar uma sem a outra. De acordo com Giovacchini:

Para Epicuro, a vida pública é um flagelo, e a maioria das falsas representações que causam a infelicidade do homem tem sua origem na emulação nociva, na competição e nos falsos desejos suscitados por certa concepção da sociabilidade; o jardim ao contrário, é apresentado como um refúgio, uma tebaida em que é possível seguir a via da natureza, retificar o seu juízo, curar a alma e, desse modo alcançar a felicidade. (Giovacchini, 2019, p.45):

Procurar a serenidade da alma, a felicidade e a liberdade interior é um caminho que leva o homem ao distanciamento das turbulências da sociedade. Mas não ao isolamento. Pelo contrário: Epicuro vai à procura de um recolhimento com pessoas que compartilham de sua concepção de vida, que considera como seus amigos. Ele procura um local aprazível que permita ao mesmo tempo o contato com a natureza e o contato humano, razão porque escolhe um “jardim” (*képos*) para conviver numa fraternidade lúcida e esclarecida com seus discípulos, segundo os princípios da amizade. É neste jardim físico e psíquico que procura manter contato pessoal com seus discípulos, bem como o intercâmbio escrito em casos de afastamentos físico, procurando conservar nos escritos o mesmo teor filosófico das conversas pessoais.

Esse modelo de vida serve como uma inspiração para a tentativa de viver, com sabedoria e serenidade, esse momento de distanciamento social pelo qual a humanidade está passando, imposto pela pandemia de corona vírus. Ele ensina que o distanciamento pode proporcionar além da mudança na nossa rotina diária, uma reflexão sobre a vida, o autoconhecimento e novos modelos de interação social. No atual momento, estão sendo estabelecidos contatos virtuais (redes sociais) com os amigos e familiares que proporcionam,

hoje, um pouco de felicidade. É na troca de mensagens via *WhatsApp* que se fortalecem laços de amizade que tornam a vida suportável. Nesse período crítico, onde o medo da morte se torna ainda mais concreto, nada vai proporcionar mais felicidade do que estar com a família e manter o contato com os amigos. A serenidade nesse momento é fundamental para a manutenção do equilíbrio emocional. Tentar entender sobre a doença, a partir de fontes seguras, é afastar-se do obscurantismo e das crendices que as rodeiam, podendo deixar mais claras as diretrizes que devemos tomar nesse momento.

Para Epicuro é mantendo a amizade que o seu projeto pode ser realizado. Não é isolar o homem, mas substituir a vida coletiva e distante da *pólis* por uma convivência coletiva menor, em que o cultivo da amizade constitui meta a ser alcançada pelos seus discípulos:

Por excesso de moderação, Epicuro não participou da vida política. Apesar das terríveis calamidades que se abatiam sobre a Hélade em sua época, ele passou toda a vida lá, à exceção de duas ou três viagens a certas regiões da Iônia com objetivo de visitar amigos. Os amigos vinham de todas as partes para vê-lo, e viviam juntamente com ele no Jardim como diz Apolodoro. (LAËRTIOS, 2008, p. 285).

Na amizade, reside todo o seu projeto da filosofia, haja vista que os epicuristas procuram vivenciar o sentido primeiro da filosofia, o amor pela sabedoria, a amizade pelo conhecimento. É a amizade que une os indivíduos que se encontram no mesmo processo de busca interior, do conhecimento, da serenidade e da felicidade. Esses laços se estreitam ainda mais quando os seus adeptos compartilham o mesmo estilo de vida, no jardim, cultivando a amizade e regando a árvore mais viçosa: a Filosofia!

A *philía* se concretiza no jardim, onde os amigos procuram cada vez mais a clareza e a serenidade, esforçando-se em sua busca interior. Esse distanciamento da vida citadina não é solidão, pois a amizade desempenha um papel fundamental no funcionamento do jardim; pois é a *philía* que serve como alicerce filosófico para a prática da vida em comunidade, dando-lhe sentido. Epicuro procura, junto com os amigos, nutrir e frutificar a árvore da amizade a partir de seus escritos e ensinamentos.

O epicurista compara a amizade com uma semente que germina em solo fértil, na mente e no corpo humano, tarefa para todos na lida diária, no agir com sabedoria e prudência, que para Epicuro é “mais preciosa do que a própria

filosofia” (EPICURO, 2002, p.45). Ele coloca a sabedoria e a amizade no mesmo plano e concebe a amizade como um valor, como é possível ver em seu aforismo 13 das *Sentenças Vaticanas*: “De tudo aquilo que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de nossa vida, de longe a mais importante é a posse da amizade” (EPICURO, 2014, p.21).

Nesse aforismo, o filósofo destaca o uso da sabedoria para conquistar a verdadeira amizade, sendo que ela constitui um bem e ela é em si a própria sabedoria. Epicuro, o filósofo amigo da sabedoria é, no jardim, também o amigo, e não somente o mestre. Ele não tem a posse do saber, pois a sabedoria é cultivada no jardim junto com a amizade, e deve ser cuidada diariamente para no futuro colher seus doces frutos, sendo este o caminho a ser trilhado para a busca da *eudaimonía*.

Na obra *A amizade no mundo clássico*, Konstan (2005) destaca que é uma prática das escolas helenísticas se referirem aos seus adeptos como amigos, no caso dos epicuristas, é no jardim que eles cultivam seus laços de amizade. Nos escritos de Epicuro, há referências importantes sobre a utilidade ou benefício da amizade. Deve-se ressaltar que, quando Epicuro fala de amizade (*philía*), está se referindo a um bem imortal enquanto que o amigo (*phíloi*) e a confiança neles conduz à tranquilidade. Na sentença 78 ele diz: “A grandeza de caráter torna-se plena através da sabedoria e da amizade; estas são bens intelectuais e imortais” (EPICURO, 2014, p.70). Verifica-se que essa sentença faz referência a sabedoria como um bem mortal, enquanto a amizade é um bem imortal. Na verdade, é válido reconhecer que a amizade e a sabedoria se mostram inseparáveis, uma vez que as duas palavras juntas formam a palavra filosofia sendo que esta cabe os dois atributos: intelectualidade e imortalidade.

No aforismo 34 das *Sentenças Vaticanas*, Epicuro destaca a utilidade da amizade, a certeza sobre a utilidade do amigo e a confiança de que se pode contar com sua ajuda em momentos de crise: “Não nos é tão útil o que de útil nos proporcionam os amigos quanto a confiança de que nos poderão ser úteis” (EPICURO, 2014, p.37).

A confiança nos amigos conduz à tranquilidade. A amizade surge originalmente por causa da necessidade e do apoio mútuos e passa a ser muito valorizada pelos epicuristas. A autossuficiência defendida pelo filósofo

não leva a uma vida inteiramente isolada ou ao estado de não necessitar de qualquer ajuda, mas sim satisfazer-se com pouco, o suficiente, como ele próprio escreve na Carta a seu amigo Meneceu:

Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância aos que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo que é inútil. (EPICURO, 2002, p.41).

De acordo com Konstan (2005), Epicuro acreditava que os homens em um determinado período da história não tinham a necessidade de socialização, uma vez que levavam vidas isoladas e autossuficientes. A partir da necessidade de benefícios mútuos é que surge a afeição entre os humanos a ponto de desenvolverem a socialização. Com a evolução, a raça humana começa a estabelecer laços com base na simpatia, na sensibilidade e na afeição, e a *philía* é produto dessa disposição à associação humana.

Na *Sentença Vaticana 52* Epicuro observa que “A amizade conduz sua dança pelo mundo inteiro, convidando todos nós a despertar para a celebração da felicidade” (EPICURO, 2014, p.50), o que permite inferir que o pensador propõe uma espécie de convocatória para que todos participem dessa “dança”, imagem que remete à celebração da satisfação de viver entre os bons amigos, vivencia esta que proporciona a felicidade. Essa amizade floresce a partir do modo de como os amigos são tratados e assim a amizade é estabelecida como uma promessa de cuidar uns dos outros. No jardim os sábios amavam uns aos outros como a si próprios e os laços afetivos entre os epicuristas eram estimulados a serviço da instrução e do conhecimento filosófico. Nesse sentido, podemos dizer que a amizade adquire também uma dimensão pedagógica.

1.3. O FILOSOFAR NO JARDIM: UM MODELO DE ENSINO?

Ao compreender o período histórico do surgimento do Epicurismo, pode-se observar que o seu método de ensino surge para tentar amenizar os efeitos das transformações sociais e políticas que ocorreram na sociedade grega do final do século IV a.C. e início do século III a.C. Essas transformações, como já foi citado anteriormente, incluem a perda da independência das *pólis* gregas, a

decadência do sistema democrático e a implantação de uma monarquia universalista ou alexandrina. Essas modificações colocaram em crise os ideais formativos e políticos fundamentais da sociedade grega clássica, do homem enquanto cidadão e do filósofo enquanto político, que eram elementos definidores da educação do homem clássico. Foi nesse período que Epicuro propôs uma concepção de sociedade e visão sobre educação, que de certa forma, se contrapunha a concepção clássica onde, por exemplo, o grego era educado para a participação na vida política. Sobre esse período, Spinelli faz a seguinte observação:

Habitado a ser cidadão, a reivindicar justiça e liberdade em nome da lei, de uma lei local, que garantia direitos e deveres políticos, familiares, religiosos, e que, sobretudo, situava cada um em seu lugar e em sua própria ordem, o próspero homem grego não tinha agora a quem recorrer. O cidadão grego passou a viver completamente desorientado, como que sem pátria, sem o status cívico externo para gerenciar [...] de modo que agora ele ficou sem saber o que fazer desamparado perante a polis e consigo mesmo (SPINELLI, 2009, p. 94).

Nesse trecho, Spinelli (2009) destaca o sentimento de perda de identidade pela qual a sociedade grega passava à época. O mundo grego, nesse período, passou a fazer parte de uma cidade cosmopolita, que se tornou um patrimônio comum do Mediterrâneo, propiciando um momento de unificação e de maturação de toda a civilização antiga. Com o fim dessa autonomia da *pólis* e com as mudanças no sistema político, surgem elementos para novas aspirações filosóficas de uma educação que, naquele momento, tenta suprir as necessidades das pessoas para sua plena realização.

A reflexão filosófica desse período ajudava o homem grego a viver bem e manter-se feliz, diante das adversidades econômicas e políticas que estavam em curso naquele momento. Nesse contexto, pode-se perceber que as correntes filosóficas do período helenístico, compartilhavam do mesmo ideal, no qual o homem deve encontrar em si mesmo a felicidade. Nesse ponto é que se diferenciam a educação clássica do pensamento de Epicuro: enquanto uma educa o homem para a vida política, a outra mostra um novo direcionamento para a vida longe das turbulências da *pólis* com vistas à busca da *eudaimonía*.

Epicuro apresentou uma nova concepção formativa e outra organização social, que tinha como modelo a sua escola, o jardim. No jardim, ao contrário

das escolas clássicas, que na sua maioria permitia o acesso somente aos “bem nascidos” (os gregos livres), enquanto os demais ficavam privados da educação e da participação nas decisões políticas, a filosofia epicurista era acessível para que todos tivessem acesso à educação. Na contramão dos modelos estabelecidos na época, conforme a sociedade fora se modificando, Epicuro propôs um modelo de escola totalmente diferente. Nas palavras de Spinelli (2009):

A comunidade-escola era aberta a todos, para quem dela se dispusesse a participar, sem restrição de nacionalidade, sexo e riqueza. Bastava saber ler. A escola acolhia todo e qualquer ser humano, independentemente de ser isto ou aquilo, no caso das mulheres de ser cortesã ou ser prostituta, porque esse “ser” não constituía nelas o seu ser essencial. (SPINELLI, 2009, p. 142).

Corroborava também, nesse aspecto, ter Epicuro montado a sua escola em um lugar totalmente inusual: uma casa com um jardim, melhor dizendo, com um horto, nos subúrbios de Atenas. A sua escola estava longe do tumulto da vida política e próximo ao silêncio do campo. Nela, era transmitida uma educação que pregava o afastamento da multidão e das atividades políticas, porque segundo o seu fundador, a verdadeira *eudaimonía* não estava nas atividades exteriores e nas vãs opiniões da sociedade grega, mas particularmente na própria interioridade do ser humano consigo mesmo e com o seu próximo.

Epicuro entendia que a felicidade não brotava da comunidade política, ele próprio nunca participara da vida política, e nem da *pólis* decadente, mas de outra forma de relacionamento, a *philia*. A felicidade, para ele, não se encontra no Estado e nem na vida pública, mas da relação de amizade com os seus correligionários que era uma contribuição positiva para a felicidade. Em sua obra intitulada *O Epicurismo*, Jean Brun descreve como seria a vida em comunidade:

Esta comunidade vivia um pouco retirada da Cidade praticando a máxima epicurista: “viver escondido”. Nesse aspecto, a escola do Jardim é muito diferente da escola do Pórtico, fundada na mesma época por Zenão de Círio que ensinava o estoicismo diante de um auditório numeroso apaixonado pelas grandes discussões dialéticas. Todos estes amigos vivem numa mesma comunidade de admiração por aquele que lhes dá o exemplo do domínio de si e do equilíbrio; uma alimentação frugal, uma indiferença completa face aos bens deste mundo, é o que os caracteriza (BRUN, 1987, p. 29).

Nessa passagem, o autor destaca algumas características da vida na comunidade epicurista que vai desde a alimentação, produzida dentro da comunidade, até a postura do indivíduo diante das vicissitudes da vida. “O jardim” havia surgido num momento político-econômico conturbado e decadente, e surge como uma proposta diferenciada naquele momento, pois sua proposta vai além da leitura, produção e compreensão dos textos filosóficos. Ela vem com uma proposta de formação integral em um mundo conturbado e enlouquecido pelas credices e pelo obscurantismo. Uma formação que vai alimentar o corpo e a alma, tentando levar os que frequentavam o jardim à busca da verdadeira felicidade, uma felicidade baseada na amizade e no respeito mútuo.

No jardim todos eram acolhidos, não importava a idade, o sexo, a classe social e a nacionalidade. Bastava estarem dispostos a uma nova possibilidade de vida em sociedade, uma vida cotidiana simples, prática e concreta. Epicuro ensinava o que entendia por uma vida modesta, sem almejar importância e notoriedade social, política e econômica, portanto, de maneira totalmente despojada, porque considerava que a verdadeira *eudaimonía* brotava de uma atitude simples diante da vida.

Nesse processo de construção da vida feliz que agregava novos valores às coisas e à própria vida, seguindo um novo paradigma pelo qual o indivíduo havia de pautar suas ações, Epicuro adotou um estilo de vida que, por meio de uma mudança diária íntima e pessoal, buscava superar as fraquezas e as paixões mundanas, buscando a satisfação nas coisas simples da vida como ele diz em sua *Carta a Meneceu*:

Habitua-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não é conveniente para a saúde, como ainda propicia ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. (EPICURO, 2002, p. 41-42).

Esse ideal só poderia ser alcançado se o indivíduo praticasse os valores elencados na Carta direcionada ao seu amigo Meneceu, mas que serve de ensinamento para todos que buscam a verdadeira felicidade: “Prática e cultiva

então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz” (EPICURO, 2002, p. 23). Esses ensinamentos baseiam-se na correta compreensão dos deuses, da natureza e dos desejos.

Assim, não bastava ter conhecimento dos ensinamentos de Epicuro, mas era necessário exercitá-los continuamente. De que forma, então, esses ensinamentos poderiam ser exercitados? Através da disposição em seguir esse modelo de vida, ou seja, aprender a viver com o que é fácil de ser alcançado, com o que satisfaz as necessidades fundamentais e renunciar ao que é supérfluo. Fórmula simples, mas que exigia uma mudança radical de vida: contentar-se em viver com simplicidade. Na filosofia epicurista, o verdadeiro sábio é aquele que distancia o bem supremo dos bens totalmente inúteis, como podemos observar em sua epístola:

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? (EPICURO, 2002, p.47).

Epicuro enfatiza, nessa passagem, aspectos relevantes de sua doutrina, atitudes que levam as pessoas a serem protagonistas de sua própria felicidade, não a delegando a terceiros, muito menos a uma vontade divina. A proposta epicurista vem ao encontro, nos dias atuais, com a BNCC que defende a aplicação dos conhecimentos na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante, tanto em sua aprendizagem como na construção de seu projeto de vida. Só nos resta ainda saber como esses conceitos serão desenvolvidos no contexto escolar? Até que ponto a escola será capaz de estimular no aluno algo que ele possa estabelecer como um projeto para sua vida profissional? Como um jovem de 15, 16 ou 17 anos pode ter certeza do que deseja para sua vida, quando nós sabemos que a juventude é marcada por muitas incertezas?

O protagonismo pode ser entendido como a capacidade de enxergar-se como agente principal da própria vida, responsabilizando-se por suas atitudes, distinguindo as suas ações das dos outros, e expressando iniciativa e

autoconfiança, atitudes de quem exercita a filosofia. O aluno protagonista seria aquele que acredita que pode aprender e encontra as melhores formas de fazer isso, não apenas individualmente, mas atuando de forma colaborativa e participativa no contexto escolar.

Ainda nesse trecho da *Carta*, Epicuro apontou que o homem deve viver segundo o que posteriormente ficou conhecido como o “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*). O homem que vivesse esses ensinamentos adquiriria a paz de espírito e a felicidade definitiva, ou seja, viveria como um deus entre os homens, porque se tornaria imune à corrupção do mundo.

Toda a ética epicurista se fundamenta primeiramente no conhecimento e na recusa do obscurantismo. Epicuro põe o mundo numa dimensão humana, dentro da possibilidade de compreensão, mensurável pela racionalidade. Sobre as particularidades da ética epicurista, Moraes destaca:

Como as demais correntes filosóficas do período helenístico, a moral de Epicuro busca na consciência adequada da ordem cósmica o funcionamento da conduta mais propícia à felicidade. Mas distingue-se das outras, notadamente do estoicismo, por conceber o cosmos como efeito mecânico do entre-choque dos átomos e, conseqüentemente, por negar toda e qualquer intervenção divina na trama da física universal. (MORAES, 1998, p.63).

Podemos observar também em sua *Carta* a argumentação contra a crença na providência divina e que os deuses também podem ser compreendidos e explicados racionalmente. Os deuses são serenos, pois não estão preocupados com a humanidade. Eles vivem serenamente porque estão distantes, assim como os amigos estão no jardim distante das cidades turbulentas.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. (EPICURO, 2002, p. 25).

Sendo assim, “não se deve temer os deuses”. O sábio epicurista não presta culto implorando misericórdia dos deuses, pois sabe que os deuses são indiferentes às súplicas dos homens, ele compreende que é da natureza dos

deuses nunca sofrer e apenas sentir prazer, então o sábio concentra seu esforço na busca de um prazer durável e do controle da dor.

A doutrina epicurista destaca o direito a felicidade, ao bem, a plenitude, a cidadania que coloca o indivíduo em confronto com o cosmos. Para Pessanha (2007), o modelo de educação em Epicuro se mostra revolucionário em sua época. O direito ao exercício filosófico está aberto a qualquer um, homens livres, escravos, mulheres, estrangeiros de qualquer localidade e qualquer raça e ao abrir o espaço para esse exercício. O epicurismo universaliza o filosofar como uma prática acessível a todos.

O diferencial da educação epicurista valorizava principalmente o interior do homem, tinha também a preocupação não somente com uma felicidade atrelada aos bens materiais, mas, sobretudo, em uma felicidade que valoriza a serenidade da alma. O conceito de *ataraxía*, que significa tranquilidade da alma, ausência de perturbação é fundamental na filosofia epicurista, concebido como uma disposição do espírito para buscar o equilíbrio emocional diante das adversidades da vida e caracteriza-se pela tranquilidade sem perturbação, pela paz interior, pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais.

A *ataraxía* para o filósofo é fruto da maior de todas as virtudes: a prudência. Já a prudência é a virtude que produz um estado de ânimo no qual impera um sentimento de prazer. Sendo assim, pode-se dizer que a serenidade, mais que uma virtude, seria o objetivo primordial de todas as virtudes: “E as virtudes estão ligadas a felicidade e a felicidade inseparável delas” (EPICURO, 2002, p.47).

Não é por acaso que Diógenes, no século II d. C., procurou perpetuar em um muro, em Enoanda, na Capadócia, a doutrina epicurista, pois a considerou “de imensa valia para qualquer pessoa em qualquer época” (PESSANHA, 2007, p.01). O *corpus* epicurista ultrapassa o campo helênico e se propõe a ser um empreendimento atemporal, proporcionando sua permanência ao longo dos séculos e chegando até a atualidade. A atualidade de sua doutrina ajudou a formação intelectual de várias pessoas, dentre elas propiciou ao jovem Karl Marx escrever sua tese de doutorado intitulada *Diferença entre as filosofias de Demócrito e Epicuro* (1841), onde a física epicurista desemboca diretamente na ética, pois ela suprime todas as

superstições e credences humanas explicando a natureza das coisas a partir da mecânica do universo.

A liberdade humana é outro ponto importante na doutrina epicurista. O mundo é racional, mas sua racionalidade não dá conta da ação do homem contrária à fatalidade das coisas. O homem não fica inerte como algo que fatalmente foi posto. Ele posiciona-se e faz escolhas. A ética propõe uma estilística que direciona a vida do homem para onde ele deseja, sobretudo na possibilidade de desviar-se da ideia, da noção, do sentido, da concepção errônea de destino, de acaso, de fatalidade. Pode-se indicar e fazer o próprio caminho a partir do princípio do prazer, escolhendo e decidindo, pelo conhecimento racional da natureza das coisas os rumos de nossas vidas. Para Epicuro, a liberdade é sempre o desvio da fatalidade. O homem não é livre por estar solto, é livre porque, apesar da fatalidade das coisas e do mecanismo do mundo, ele abre uma “brecha” para realizar seus projetos de vida. Ele não pode ser passivo diante da mecânica do mundo, não pode ser reflexo das circunstâncias propiciadas por outro ser, seja deuses ou humanos. Ele pode e deve estabelecer o itinerário de sua própria vida.

O cultivo da razão proporciona ao homem o conhecimento de si mesmo e do mundo, fazendo com que ele seja capaz de recusar a ordem instituída e ser autônomo, ele não pode estar preso a concepção do fatalismo. As leis que regem o cosmos abrem um espaço para sua postura enquanto escolha, ou seja, é necessário que na mecânica do universo haja espaço para a rebeldia e a construção de um homem em busca de uma vida melhor. Na *Carta a Meneceu*, o filósofo faz as seguintes considerações sobre o homem sábio:

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? (EPICURO, 2002, p. 47-49).

Epicuro mostra que a ética necessita mais de um mecanicismo, exige racionalidade flexível para que possa conter o humano com seus ideais e

metas, exige deliberação, exercício racional da vontade, discernimento pela prudência, prática das virtudes pela disciplina do corpo e da alma. O seu atomismo explica que o homem não é apenas algo inerte diante da fatalidade do jogo mecânico do cosmos. Os átomos, segundo Demócrito, são partículas indivisíveis que caem desde sempre no vazio infinito. É preciso perceber esse modelo básico racional. Porém, ele não dá conta de tudo, pois não dá conta do homem e é necessário que nessa queda dos átomos haja a possibilidade do *clínamen* (do desvio). Segundo o *Dicionário de Filosofia* (1996), o *Clínamen* “é um termo latino (deve-se a Lucrecio) que designa no sistema de Epicuro, a declinação dos átomos graças à qual, quando caem no vazio, conseguem se aglomerar, de acordo com suas qualidades respectivas para formar os corpos. Essa noção, ausente em Demócrito, permite que Epicuro inscreva o livre arbítrio na alma humana desde a sua constituição, pois os átomos particularmente sutis que a compõe se beneficiam com isso” (DUROZOI, 1996, p. 86).

A originalidade de sua doutrina utiliza notadamente os termos da física para explicar a ética. O *clímanen* no campo ético é a construção de um caminho próprio para a libertação. A *autárkeia* se consegue a partir de dois recursos que o homem é capaz: 1) o homem deve e pode administrar os seus desejos, porque os desejos não são do mesmo tipo e não são todos originalmente provenientes do próprio homem. Alguns na verdade não são manifestação da autonomia, mas ao contrário, da heteronomia, ou seja, eles são introjetados. Para o filósofo, existem várias modalidades de desejos, dentre eles os “naturais e os que são inúteis” (EPICURO, 2002, p.35). Os desejos naturais seriam aqueles estritamente necessários para o homem, como a alimentação, a vestimenta e a moradia, por exemplo, já a necessidade de comidas sofisticadas, roupas finas e mansões seriam exemplos de desejos não naturais e não necessários. Se conseguirmos ficar com os nossos próprios desejos que são os naturais e necessários, conseguimos um espaço de libertação, pois nos afastamos daqueles desejos impostos pela imitação, deixamos de ser aquele homem que é apenas parte do rebanho, mas que escolhe e traça seu próprio caminho; e 2) que o homem é capaz de voltar a si mesmo e a sua própria natureza. Só ele pode ser livre na medida que se

desvia da fatalidade e utiliza de seu mecanismo interior, das suas imagens interiores para sobreviver apenas com seus recursos próprios.

Na construção de seu trabalho interior, ele faz uma seleção de imagens dentro de seu imaginário pessoal. Epicuro sofrendo com os cálculos na bexiga, no momento de imensa dor física, ele utiliza uma técnica que é o primeiro a ensinar: substituir a sensação imediata e dolorosa por uma lembrança prazerosa de alguma sensação passada positiva, ou seja, se nós pudéssemos selecionar nossas imagens, poderíamos buscar em nós mesmos as imagens positivas e equilibrar com as sensações dolorosas. Essa técnica ou pode-se dizer “terapia epicurista” (Pessanha, 2007) seria um tipo de *phármakon* que utiliza um jogo de imagens resgatando as mais prazerosas do passado e projetando uma boa perspectiva para o futuro com a única finalidade de não sofrer no corpo em busca da tranquilidade da alma.

Diante das crises política, econômica e social de sua época, o filósofo descobriu um novo ideal de vida e, associada às transformações sociais do período helenístico, apresentou uma nova proposta de homem que procurou entrar em sintonia com as necessidades de seu tempo. Ao fazê-lo, Epicuro nos dá condições para pensar o nosso tempo e, diante das nossas dificuldades atuais, elaborar uma proposta pedagógica e didática que possa suprir nossas necessidades atuais. Para isso, é providencial olhar para a história do ensino de filosofia e tentar buscar elementos para uma reflexão pedagógica que nos permita pensar soluções para os problemas educacionais que envolvem a filosofia e seu ensino aproximando o epicurismo com a realidade dos jovens do ensino médio.

CAPÍTULO II – OS CAMINHOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

Em 1549, os missionários jesuítas chegaram ao Brasil. Com sua chegada e permanência, os missionários se dedicaram a evangelização, a qual tinha como objetivo um caráter profundamente religioso, dedicado à “conversão das almas” dos povos indígenas do “novo” território.

A partir de 1556, a ação educacional e evangelizadora se intensifica, e os missionários iniciaram a fundação de colégios em toda a colônia portuguesa. O regime desses centros de ensino era definido pelo documento

conhecido como *Ratio Studiorum*, o qual determinava a organização dos estudos em cinco anos para Letras e sete para os estudos de Filosofia e Teologia. Já em 1586, o ensino era organizado em torno de três cursos: de Artes, de Teologia e de Ciências Sagradas (MORAES FILHO, 1959). Naquele período, a filosofia ensinada possuía um viés religioso e eclesiástico, destinada apenas para os filhos das elites (mais especificamente os funcionários da Coroa Portuguesa, pois desfrutavam de prestígio), uma vez que grande parte da população era analfabeta, com grande déficit linguístico e cultural.

Quando D. José I, rei de Portugal, nomeia para seu ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, inicia uma tentativa de transformação no século XVII com as Reformas Pombalinas que pretendiam recuperar a economia através de uma concentração do poder real e de modernizar a cultura portuguesa, reforçando o Pacto Colonial.

Tais reformas visavam transformar Portugal numa metrópole capitalista, seguindo o exemplo da Inglaterra, além de adaptar sua maior colônia o Brasil a fim de acomodá-la a nova ordem pretendida em Portugal. Em relação à colônia, Pombal procurou organizar melhor a exploração das riquezas do Brasil, pois, dessa forma, aumentariam os ganhos de Portugal, tão necessários para alcançar os objetivos pombalinos referentes à economia portuguesa.

Em relação às mudanças educacionais no Brasil nesse período, a reforma educacional pombalina resultou na expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas, tirando o comando da educação das mãos destes e passando para as mãos do Estado. Extintos os colégios jesuítas, o governo não poderia deixar de suprir a enorme lacuna que se abria na vida educacional tanto portuguesa como de suas colônias. Enquanto em Portugal buscava-se construir um sistema público de ensino, mais moderno e popular, na colônia, as Reformas Pombalinas no campo da educação só desmontou a estrutura educacional construída pelos jesuítas, confiscando os seus bens e fechando todos os colégios fundados por eles.

A expulsão dos jesuítas, em 1759, trouxe consequências para o ensino de filosofia e para a educação formal, de maneira geral. Uma das consequências foi a mudança na sistematização e organicidade do ensino, sendo substituídas por um formato de aulas avulsas, chamadas de aulas régias, de caráter estritamente introdutório para o ensino superior e sem

conexão entre os níveis de ensino, sem necessidade de haver colégios para ministrar os cursos. Esse modelo permaneceu durante um bom tempo, mesmo após a proclamação da independência, em 1822. Em 1827 podemos destacar a primeira lei sobre a instrução pública a qual recomendava no seu artigo Art. 1º que: “Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias” (BRASIL, s/d). O que, na prática, não se realizou, uma vez que os esforços dos governantes estavam concentrados no ensino secundário e superior, os quais visavam a formação da elite dirigente do país.

O Ato Adicional de 1834 foi de grande importância para o ensino secundário, uma vez que conferia às províncias o direito de legislar sobre a instrução pública. Foi a partir daí que as províncias deram início à criação dos Liceus Provinciais, dos quais o mais importante foi o Colégio Pedro II, criado em 1837, na cidade do Rio de Janeiro e mantido pelo poder central. Nesse estabelecimento o ensino de filosofia obteve relevância, pois o currículo desse colégio serviu posteriormente como referencial para a instituição de estabelecimentos similares em todo o país.

Em 1879, houve a reforma educacional de Leôncio de Carvalho, a qual estabeleceu normas e reformas para o ensino secundário e superior em todo o país. No currículo do ensino secundário, não houve menção alguma ao ensino de filosofia, com a exceção do Colégio Pedro II, no qual a cátedra de filosofia permaneceu (MORAES-FILHO, 1959) e, das Escolas Normais, nas quais havia a inclusão desse componente curricular, conforme o artigo 9º da lei educacional de 1879. Além disso, a aprovação em filosofia era um requisito para a admissão em alguns cursos superiores, ainda conforme exigência do mesmo decreto. É importante salientar que, na prática, nem tudo o que foi preconizado chegou a ser concretização.

O ensino de filosofia durante o Período Imperial (1822 a 1889) permaneceu predominantemente introdutório, mesmo com a criação da imprensa, de bibliotecas e escolas superiores (como a Academia Militar e a Academia de Marinha onde os cursos de medicina, cirurgia e matemática eram destinados aos militares) proporcionados pela vinda da família real portuguesa para o Brasil. Esses cursos eram ministrados a partir de livros-textos os quais eram importados da França. Isso resultou na influência do positivismo, ideia

que estava em ebulição naquele país. O que para alguns seria um momento oportuno para a criação de uma faculdade de filosofia, houve uma predileção pela faculdade de direito. Em seu livro *A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições da LDB*, Dalton José Alves (2002) destaca que:

Desde o Período Colonial até o término do Período Imperial, a filosofia esteve presente na educação escolar, mas em *caráter propedêutico* ao ensino superior, sobretudo para os cursos de teologia e os cursos de direito. Porém com a Proclamação da República, a presença da filosofia no ensino escolar brasileiro que até então havia sido um ponto pacífico desde o início da colonização, muda de rumo radicalmente. (ALVES, 2002, p.24).

O ano de 1889 trouxe consigo um momento de virada política, com a Proclamação da República. O período republicano trouxe forte influência das ideias positivistas de Augusto Comte. Os ideais republicanos pregavam a expansão da rede escolar considerando a educação uma forte aliada para a reconstrução política e social do Brasil. A partir de então, em termos educacionais, uma série de reformas acompanharam as quatro primeiras décadas do novo regime. Foram pelo menos cinco entre 1890 e 1929. Podemos destacar o estabelecimento do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) como modelo e padrão para o ensino secundário, o que ocorreu com a primeira reforma educacional, promovida por Benjamin Constant, primeiro ministro da Instrução Pública da então República do Brasil.

O significado das reformas educacionais nesse período é formar uma nova “elite” para um novo Estado. É sabido que a República foi fundada sob a influência dos ideais liberais e positivistas e estes se contrapõem à monarquia e à Igreja Católica. Sendo assim, uma das primeiras medidas foi a descentralização do poder, instituindo assim o Federalismo.

A educação escolar pública passa a ser prerrogativa do Estado, não sendo mais de responsabilidade dos colégios católicos. Esse rompimento com a Igreja Católica torna o ensino escolar público o principal aparelho ideológico do Estado. Nesse sentido, são propostas as reformas educacionais na Primeira República e com o decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890, pela primeira vez a filosofia fica ausente do currículo, uma vez que o seu ensino tinha ligação com a Igreja Católica.

Em 1915, a reforma de Carlos Maximiliano torna a filosofia facultativa, pois entendia-se que o segundo grau (ensino médio) seria um preparatório para ingressar nas universidades. Mesmo com a Reforma Rocha Vaz (1925), que estabelece o ensino secundário como uma preparação para a vida, divide esse nível de ensino em seis séries das quais às duas últimas é acrescentado o ensino da História da Filosofia. Os primeiros quarenta anos da República do Brasil preservaram o caráter elitista e difuso da educação. O curso secundário com seu caráter propedêutico, com maior ênfase nas áreas de Matemática e Ciências e menor nas chamadas Humanidades. O ensino superior, por sua vez, manteve as características do tempo do Império, com escolas isoladas e predominância do ensino profissionalizante; já as demais modalidades de ensino permaneceram distantes das preocupações dos governos e das reformas.

A partir de 1930, a educação brasileira viveu um novo momento, pois o movimento dos chamados escolanovistas cujos fundamentos baseavam-se nos avanços científicos da Biologia e da Psicologia e uma proposta que visa a renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas, ganhava força e a sistematização do ensino, em todas as etapas, níveis e modalidades, começava a ser algo possível de se alcançar.

Na Reforma Francisco Campos (1932), a filosofia passou a compor o currículo do ciclo complementar no ensino secundário e este passava a ser dividido em dois ciclos: o primeiro se destinava a uma formação geral e o segundo a formação complementar que apresentava característica mais básica e introdutória destinada à preparação para o Ensino Superior (ALVES, 2002).

A reforma Gustavo Capanema (1942) manteve a mesma concepção enciclopédica e elitista do ensino secundário. Estruturada em dois ciclos, o ensino secundário ficou dividido entre ginásio (quatro anos) e colégio (três anos) subdividido em clássico (formação intelectual) e científico (estudo das ciências). De acordo com Alves (2002), a situação foi se alterando gradativamente até chegar a um número reduzido de aulas de filosofia.

A década de 1960, num contexto macro, foi marcada pela criação da primeira *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, lei n. 4.024 de 1961. Foram treze anos de debates até que a lei fosse aprovada. O ensino secundário permaneceu organizado da mesma forma. A novidade foi para a composição

curricular, onde a filosofia foi indicada para o segundo ciclo, no conjunto das disciplinas optativas e assim perde o caráter obrigatório.

A não obrigatoriedade da filosofia no ensino secundário, em 1961, a sua progressiva substituição, em 1969, com a criação das disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social Política Brasileira (OSPB), sendo que, pelo conteúdo, é possível afirmar que a primeira substituiu a filosofia e a segunda a Sociologia. Considerando que as mesmas possuíam um conteúdo mais “adequado” ao contexto político da época, isto é, um caráter disciplinar e doutrinador.

A década de 1970, pós golpe militar, reservou para o ensino de filosofia momentos difíceis. A lei n. 5.692, de agosto de 1971, reestruturou o ensino de 1º. e 2º. graus, definiu a ausência da filosofia dos cursos escolares a nível secundário até final do regime ditatorial. No ensino secundário, perdeu seu espaço, juntamente com as disciplinas sociologia e psicologia. As lutas em defesa da Filosofia e do seu ensino levaram a criação da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), uma entidade de nível nacional que propunha uma filosofia crítica e engajada, promovendo diversos debates, mesas redondas e seminários nessa intenção.

Em 1983, a fundação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) marcou um importante passo na defesa da filosofia e do seu ensino. Vale salientar que um ano antes, em 1982, a disciplina Filosofia voltou a ser optativa, tornando-se alvo de diversas críticas da mídia da época. Os anos seguintes permanecem como tempos difíceis tanto para a filosofia quanto para a sociologia.

Após o fim da ditadura militar, muitos anos ainda foram necessários para que essas disciplinas voltassem a figurar, pelo menos nominalmente, nos documentos oficiais sobre educação. Em 1996, foi aprovada a lei 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual propunha a filosofia e sociologia como conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. Vale ressaltar que o projeto original da LDB, aprovado pela Câmara em 1993, incluía essas disciplinas como obrigatórias nos currículos do antigo ensino secundário.

Em 1997, um projeto de lei foi apresentado pelo deputado Roque Zimmermann, o qual pretendia tornar a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias no ensino médio. Em 2001 o projeto foi aprovado, entretanto, o

então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, acabou por vetar o projeto, alegando falta de pessoal capacitado para assumir este ensino e falta de recursos econômicos para a contratação dos recursos humanos. A não obrigatoriedade legal não impedia que a filosofia estivesse presente nos currículos do Ensino Médio. Muitos Estados da federação, incluindo o próprio Estado do Amazonas, por iniciativa própria, introduziram a disciplina em suas redes de ensino.

A obrigatoriedade legal é retomada em 2008, com a aprovação da lei 11.683, a qual alterou o artigo 36, inciso IV da LDB/96, tornando obrigatório o ensino de filosofia e sociologia. A lei concedeu um prazo de quatro anos para que todas as séries do ensino médio fossem contempladas com a presença dessas disciplinas nos currículos escolares. O fato representou um importante momento para o ensino dessas disciplinas, as quais gozaram de quase dez anos de estabilidade no currículo nacional. O ano de 2017 trouxe uma nova reviravolta para a situação dessas disciplinas no currículo. A lei 13.415/2017, conhecida como “reforma do ensino médio” retirou o inciso IV do artigo 36 da LDB/96, e colocou a filosofia, juntamente com a educação física, a arte e a sociologia como estudos e práticas, cabendo à *Base Nacional Comum Curricular* estabelecer como isso acontecerá na prática.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diretriz nacional prevista em lei (Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e no Plano Nacional de Educação de 2014), foi construída a partir de outros documentos curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais. É um documento de abrangência nacional que determina as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas por todos os alunos brasileiros. A BNCC não é currículo, e sim referência obrigatória para a construção curricular. Os currículos das redes e os projetos pedagógicos das escolas devem conter os conhecimentos, competências e habilidades explicitadas na BNCC. As especificidades e as diversidades locais de cada rede podem e devem ser preservadas nos currículos, nos projetos pedagógicos das escolas e nas práticas dos professores em sala de aula. Preconizam a adoção de metodologias e abordagens pedagógicas, contextualizam as aprendizagens de acordo com a realidade local.

De acordo com a BNCC, o Novo Ensino Médio será dividido em duas partes: a Formação Geral Básica (FGB), em que o currículo é comum a todos os alunos; e os Itinerários Formativos, considerado como uma parte mais flexível do currículo, sendo que por ser algo novo, os itinerários despertam muitos questionamentos por parte dos educadores.

Os Itinerários Formativos contemplam a parte flexível do currículo do Novo Ensino Médio correspondente a, pelo menos, 1.200 horas totais. Eles possibilitam que os estudantes se aprofundem nas áreas que lhes despertem mais interesse. Assim, funcionarão como uma espécie de caminho a ser traçado durante os anos finais do Ensino médio. A oferta dos itinerários fica a cargo das escolas e a instituição deve analisar sua realidade e estrutura e, assim, definir quais Itinerários serão oferecidos. Ao estudante cabe escolher qual itinerário melhor se encaixa em seus objetivos formativos. Essa orientação se dá a partir da construção do Projeto de Vida dos estudantes. O Projeto de Vida trata da definição dos objetivos da vida escolar, profissional e pessoal dos alunos. (BRASIL, 2018).

Os Itinerários Formativos devem ser pensados em cima de quatro Eixos Estruturantes e devem passar por pelo menos um desses eixos: 1) Investigação Científica: examinar a realidade através de práticas científicas; 2) Empreendedorismo: desenvolver empreendimentos pessoais ou produtivos; 3) Processos Criativos: criação de projetos criativos; 4) Mediação e Intervenção Sociocultural: envolver-se em projeto de mobilização e intervenção ambiental e sociocultural que visam promover uma participação na vida pública. Esses eixos são responsáveis por integrar as possíveis combinações dos Itinerários Formativos e buscam promover uma conexão entre as experiências educativas com a realidade na qual os alunos estão inseridos. (BRASIL, 2018).

A base da aprendizagem proposta pela BNCC é um conjunto de dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica. As competências foram definidas a partir dos direitos éticos, estéticos e políticos assegurados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, são conhecimentos, atitudes e valores essenciais para preparar os estudantes para a sociedade do século XXI. As dez competências traduzem o que se denomina de educação integral (biopsicossocial) ou seja intelectual, emocional, corporal, social e cultural. As dez competências aparecem no texto introdutório

da BNCC e regem todas as definições de competências e habilidades específicas das etapas, áreas de conhecimento e componentes a serem adotados no “novo ensino médio”. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 9-10.)

Todas essas competências indicam o que deve ser aprendido pelos estudantes do mesmo modo que especificam com que finalidade determinada

competência deverá ser desenvolvida, elucidando a sua importância para a formação do estudante ao longo da Educação Básica.

O Novo Ensino Médio da Base Nacional Comum Curricular começou a ser implementado nas escolas em 2020 para ser concluído em 2022. Porém, a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de COVID-19 implicou no adiamento de implantação e em novos desafios para os educadores e gestores em todo o país. No caso do Estado do Amazonas, ainda estão sendo elaboradas as documentações que norteiam a nova proposta de ensino, sendo que outras etapas, que também são necessárias, ainda não foram realizadas como, por exemplo, formação dos professores e adequação da infraestrutura das escolas. O tema ainda gera muita dúvida, polêmica e expectativas. Um dos questionamentos principais é como fica o ensino dos componentes de Ciências Humanas e Sociais nesse novo formato?

É importante ressaltar que, dentro das quatro macro áreas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais), as únicas disciplinas que a BNCC prescreve como obrigatórias são Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Matemática. Na proposta, o bloco das Ciências Humanas (história, geografia, filosofia e sociologia) é eletivo, isto é, a sua inserção dependerá do interesse do aluno, apontado como o agente da escolha do componente da área de Ciências Humanas e Sociais que pretende estudar no semestre. Essa escolha será feita semestralmente, isso significa que o professor deverá planejar o seu programa ou currículo semestralmente e não mais bimestralmente como era realizado nos últimos anos. O critério da escolha é o interesse do aluno. E se o aluno não tiver por algum motivo a capacidade de escolher o que quer estudar? Nesses casos, a escola deverá disponibilizar um espaço para que o assunto seja debatido, que ofereça aos alunos o acesso às informações detalhadas, de preferência sob a forma de orientação com pessoas que sejam capacitadas para tal auxílio. Isso pode ser feito também na forma de palestras, seminários e até mesmo feiras para expor as matérias eletivas.

Em relação aos currículos, os mesmos ficam por conta das secretarias de cada Estado e das escolas. Isso significa que, não importa o livro didático de Ciências Humanas e Sociais que será escolhido pelos professores da área. O seu programa curricular, na rede pública, será aquele ditado pela secretaria

de educação de cada Estado. As escolas particulares poderão definir o seu próprio currículo desde que ele esteja alinhado às competências e habilidades da BNCC.

2.1 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A inserção do ensino da filosofia no ensino médio apresenta-se como um saber capaz de provocar além da interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento, inquietações, reflexões e mudanças necessárias para a construção da autonomia do estudante, cabendo aos licenciados na área estimular nos alunos a reflexão filosófica.

Ao se propor a ensinar filosofia, o egresso do curso de licenciatura, precisa buscar caminhos que possibilitem “os apetites filosóficos” (RODRIGO, 2009, p. 37), o aguçar do senso crítico, a criatividade e a expressividade dos jovens e adolescentes para que conheçam e atuem no mundo em que vivem com senso crítico. O ensino da filosofia é um desafio, pois é necessário que o professor crie um espaço de aprendizagem mais significativo onde as atividades desafiem constantemente o aluno a pensar, a conhecer, informar-se e criticar, construindo ele mesmo o seu conhecimento.

Nesse sentido, o professor trabalha desenvolvendo atividades e conteúdos com o objetivo de ajudar os jovens e adolescentes a descobrirem por si mesmos, o significado da vida, o mundo e as pessoas com quem se relacionam.

Isso significa dizer que a perspectiva educacional da filosofia deve ser pensada por professores que estejam conectados com o seu tempo, atualizando o pensamento filosófico e propondo novos problemas e novos questionamentos, enfatizando que a filosofia não pode ficar alheia diante das dificuldades e dos conflitos da atualidade e acreditando no poder da liberdade humana para a resolução dos problemas.

Alves (2002) sugere que o professor de filosofia deve levantar os seguintes questionamentos: o que a filosofia tem a oferecer que as demais disciplinas não oferecem? Ou por que o educando do ensino médio deve ter acesso aos conhecimentos da filosofia? O conhecimento é construído, pelo debate, pela teoria refletida e questionada. Sendo assim, o modelo tradicional

onde o aluno só recebe conhecimento, não poderá ser uma prática nas escolas.

A filosofia pode contribuir muito significativamente no processo de ensino-aprendizagem. Isso não significa dizer que a filosofia sozinha vai resolver os problemas educacionais existentes, seria muita pretensão acreditar que ela enquanto disciplina vai dar conta de recuperar ou modificar o ensino público no Brasil. Ao contrário, essa responsabilidade está a cargo de todos que fazem parte do processo educacional.

O ensino de filosofia tende a tornar os jovens mais críticos possibilitando, dentre outras, a prática da cidadania, a partir do estudo dos temas como as questões éticas e políticas, por exemplo. A educação deve ser pensada para desenvolver o jovem como um todo na sua dimensão biopsicossocial, ampliando um modelo de prática educacional que vise sua formação enquanto pessoa, que pensa, questiona e duvida.

O pensamento filosófico possibilita o aprimoramento do conhecimento, pois alunos e professores constroem, juntos, o conhecimento, não sendo uma relação desigual, mas sim aberta para a discussão, para a busca do conhecimento. A partir disso o aluno não só recebe conhecimento, mas ele participa do desenvolvimento do conhecimento.

A filosofia e os demais componentes curriculares visam a busca de diálogos e discussões contribuindo para a formação do ser, que possibilita a aprendizagem das várias ciências, onde o aluno se vê como alguém que tem um papel a cumprir e inserido neste ambiente ele deve cumprir com tal papel. Possibilitando, assim, um crescimento no processo educativo.

Ao ver parte desse processo, os alunos começam a ter consciência do seu papel enquanto pessoas autênticas e comprometidas com o seu próprio conhecimento e crescimento pessoal.

O ensino da filosofia no ensino médio foi sugerido pelo Conselho Nacional de Educação como disciplina do tronco diversificado, e apontado como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999. Embora houvesse à época uma intencionalidade para o retorno da filosofia enquanto disciplina obrigatória no currículo, em contraponto não havia uma sistematização dos seus conteúdos e uma criteriosa análise pedagógica que articulasse esse saber com as demais áreas do conhecimento

(interdisciplinaridade), permitindo assim que muitos profissionais que não fossem licenciados em filosofia (por exemplo, sociólogos e historiadores) ministrassem a disciplina.

Embora a LDB 9.394/96, no seu Art. 35, reconheça que o aprimoramento do educando como pessoa humana inclui a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, a filosofia não constava como disciplina obrigatória. Somente a partir de 2009, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a filosofia se tornou uma disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio em todo o país.

Essa alteração na LDB em 2008 convidou a classe filosófica a repensar sobre a prática docente em relação à aplicabilidade da disciplina que não poderia ser entendida como complexa para os alunos do ensino médio, um desafio a ser superado não somente pelos teóricos da educação, mas também por toda a comunidade filosófica que defendia os interesses da disciplina, demonstrando a necessidade da filosofia e a sua inter-relação com as demais áreas do conhecimento de forma a garantir e fomentar nos educandos competências para que pudessem responder aos desafios impostos pela sociedade contemporânea.

Desta forma, face às necessidades de favorecer um ensino cada vez mais crítico-reflexivo com características transformadoras da realidade percebida se faz necessário quebrar essa dicotomia presença/ausência da filosofia que permeia os alicerces da educação brasileira, fato que talvez seja possível a partir de uma revisão das políticas educacionais que levem em consideração a importância do ensino de filosofia para a formação do indivíduo.

A discussão que permeia a fundamentação pedagógica da filosofia no ensino médio não se apresenta dissociada da sua finalidade no contexto da educação básica. A filosofia é necessária não somente para o ensino médio, mais em toda a educação básica quando compreendida adequadamente a sua função social, política e educacional.

O professor de filosofia, ao se propor o trabalho no ensino médio, deve buscar caminhos que possibilitem o aguçar do senso crítico, a criatividade e a expressividade dos jovens, para que eles atuem no mundo em que vivem com discernimento e princípios éticos, com sabedoria e justiça. O ensino da filosofia

no currículo escolar é um desafio que deve ser enfrentado, para que ele efetivamente proporcione um espaço de aprendizagem mais significativo, onde as atividades desafiem diariamente o aluno a questionar, problematizar, pensar, conhecer, informar-se e criticar, construindo o seu conhecimento.

O ensino de filosofia é um eixo, um aporte teórico e prático que abre novos caminhos para o grande espírito crítico. Nesse sentido, o professor trabalha desenvolvendo atividades e conteúdos com o objetivo de ajudar os jovens a fazer uma leitura do mundo, do contexto onde eles estão inseridos, a descobrir a si mesmos, o significado da vida e as pessoas com quem se relacionam. É função da filosofia na educação escolar, e aqui especialmente se tratando do ensino médio, ensinar o aluno, através das mais variadas estratégias, a conhecer o mundo e a se posicionar de forma crítica e coerente, com base em atitudes éticas, como ser prudente e justo.

Enquanto disciplina escolar, a filosofia enfrenta consideráveis desafios no seu fazer educacional. Assim, o primeiro desses enfrentamentos seria responder a comunidade educacional o que seria a filosofia e qual a sua utilidade, uma vez que atualmente na BNCC a filosofia, bem como a sociologia, não se faz mais presente em todas as séries do nível médio.

Como indicativo de resposta, Marilena Chauí observa que: “a primeira resposta seria a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana” (CHAUI, 2008, p. 17).

Desta forma, a filosofia não só na contemporaneidade, mais em toda a história da humanidade afirma-se como saber útil e necessário para estabelecer reflexões sérias e sistemáticas sobre toda e qualquer área do conhecimento nos seus mais diversos graus de complexidade.

Pensar em um ensino de filosofia que faça sentido para a vida cotidiana na perspectiva de análise e compreensão da realidade articulada a uma percepção transformadora enquanto instrumento de educação com qualidade, é pensar em ressignificar uma concepção de que o conhecimento filosófico é inútil, que se apresenta como negativa a construção do conhecimento sistematizado no âmbito escolar. Desta forma, cabe a escola e aos docentes da disciplina propor alternativas para um ensino sério e significativo que fuja da ideia clássica de uma aula conteudista, que nega todas as possibilidades de

indagação, reflexão e inter-relação com os saberes apresentados no currículo de ensino médio.

Com base nessa concepção de que os professores são capazes de fazer e refazer sua práxis docente, enfatiza-se o domínio dos conteúdos trabalhados em sala de forma direta e/ou indireta, fundamentando dessa forma o fazer docente. Mas será que os professores de filosofia, através de suas próprias práticas educativas, estão propiciando aos alunos a capacidade de construir, através de seus próprios esforços, suas reflexões críticas à cerca da realidade educacional?

Outro grande desafio que perpassa o terreno próprio da filosofia como disciplina no ensino médio brasileiro, é a atual conjuntura cultural e econômica, marcada pelo consumismo e pela forte presença dos meios de comunicação, como as redes sociais que limitaram os processos formativos. Influenciados por necessidades impostas estratégica e sub-repticiamente pelo neoliberalismo, busca-se aquilo que responde de imediato às necessidades exigidas para que o jovem se sinta parte desse mundo e dessa cultura. Talvez seja este o desafio maior para a filosofia enquanto componente de ensino, pois a pergunta que a própria sociedade faz é: para que filosofia?

Vários filósofos tentaram responder a essa pergunta, entre eles Epicuro. O filósofo assumiu, como missão, ensinar uma filosofia que pudesse trazer verdadeira felicidade. A partir das reflexões que a experiência como docente em nível médio proporciona, a resposta com base na filosofia epicurista, é uma das mais viáveis: para viver com sabedoria e alcançar a saúde do espírito. Mas é possível ser feliz a partir da óptica do presente?

Segundo Alves (2002), o modelo de educação pragmática, aberta para os conteúdos e as metodologias que visam resultados imediatos, produz uma demanda crescente de indivíduos que buscam um diploma do ensino médio em virtude da necessidade de avançar na educação escolar e conseguir uma qualificação em busca do primeiro emprego ou manter-se no atual. A conjuntura política e econômica do país vem provocando nos últimos anos, o aumento do desemprego e teve seu agravamento com a pandemia do novo Coronavírus.

2.2 A FILOSOFIA E A BNCC

O espaço da filosofia no currículo a partir da proposta do “Novo Ensino Médio” não está definitivamente garantido. Há de se percorrer um longo caminho, no momento podemos apenas levantar alguns questionamentos: Quais as nossas possibilidades de ação como professores de filosofia? Quais as possibilidades de seu ensino? Como será o futuro da filosofia como componente curricular? Se por um lado há aqueles que, numa visão pessimista, acreditam que a filosofia tem seus dias contados no ensino médio, por outro lado, existem aqueles que lutam pela sua permanência e veem na BNCC novas possibilidades de seu ensino.

A BNCC não exclui o componente de filosofia, mas também não deixa claro quais as diretrizes de como ela será contemplada no novo ensino médio. Ela torna-se disciplina optativa, porém não se pode dizer que ela permanece no currículo e nem que será excluída do mesmo. Há ainda muitas incertezas, até mesmo porque a BNCC deixa claro que o currículo será definido no âmbito das instâncias estaduais.

Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que a sua permanência ou ausência dependerá também de como serão elaborados os projetos pedagógicos nas escolas, e se a filosofia será incluída nesses projetos. Neste sentido, as escolas podem adotar as duas alternativas: manter ou não a filosofia nas instituições que se especializarão em “ciências humanas” e incluir nas escolas que adotarem as áreas de “ciências exatas”, com a adoção de algumas horas de formação em filosofia.

Para que isso ocorra, é necessária a articulação entre os professores, os estudantes e a escola por meio de um processo de conscientização para a continuidade da presença do ensino de Filosofia, visto que o ensino de filosofia é fundamental para a formação humana de uma maneira integral como descrito na própria BNCC. Ao sugerir outros modelos formativos (como oficinas, por exemplo), além do modelo de aula clássico que permanece até hoje, a BNCC possibilita itinerários formativos em filosofia que proporcione a adoção de diferenciadas metodologias de ensino, dentre elas as denominadas de metodologias ativas.

Para poder esclarecer esses pontos elencados acima, faz-se necessário o debate com a participação ativa dos professores de filosofia, onde os mesmos possam discutir e encontrar novos caminhos para a continuidade do ensino de filosofia. A BNCC apresenta princípios e conteúdos de base filosófica em torno dos quais é possível dialogar com outras áreas de ensino, dando a devida ênfase na importância da formação filosófica no ensino médio. Podemos citar como exemplo a competência específica 05 da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ao ensino médio:

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. (BRASIL, 2018, p. 579).

O ensino de filosofia vai muito além de ensinar o pensamento dos filósofos aos alunos, mas sim os ensina a pensar. O pensamento filosófico tem como base a dúvida, que nos convida a refletir sobre tudo a nossa volta, pensar, repensar, questionar, buscar novas ideias, interpretar, entender e compreender o mundo, a natureza e as pessoas em suas múltiplas relações.

Com base na razão e na linguagem, o filosofar é atividade reflexiva que busca o sentido das coisas, e que a partir da formação de ideias estabelece um discurso: o discurso filosófico. Sua proposta é que o aluno seja capaz de fazer a leitura desse discurso, de modo a analisar as ideias, descobrir a lógica do pensamento, argumentar e interpretar a linha de raciocínio.

As competências propostas na BNCC visam permitir aos alunos, tanto do ensino fundamental quanto para o ensino médio, desenvolverem as habilidades para elaborar hipóteses, construir argumentos e atuar na sociedade, pautados nos conceitos e fundamentos dos componentes da área. Sendo assim, a filosofia propõe a construção da argumentação e a sistematização do raciocínio, aprofundando e ampliando sua base conceitual a partir da análise e interpretação. Nas competências gerais da BNCC observam-se expressões como, por exemplo, o conhecimento para entender e explicar a realidade, o pensamento científico, crítico e criativo, reflexão e análise crítica, argumentação com base na expressão de ideias, sendo que todas essas ações fazem parte do pensamento filosófico (BRASIL, 2018).

O Plano Nacional de Educação (PNE), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são os documentos que norteiam a educação brasileira e apresentam a filosofia como o componente curricular capaz de contribuir para a formação da cidadania e da aquisição de autonomia. A lei 11.684 de 2008 trazia a Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, porém com a nova proposta de ensino, a obrigatoriedade desse componente curricular deixa de existir. Apesar de a BNCC ser uma das muitas promessas de melhoria da educação para diferentes grupos da sociedade, o documento parece reduzir a Filosofia à área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, contemplando algumas áreas da filosofia como: ética e filosofia política e deixando de lado, por exemplo, a estética, a lógica, o existencialismo.

Outro ponto é a possibilidade da interdisciplinaridade da filosofia com os demais componentes curriculares. A interdisciplinaridade é uma exigência no ensino contemporâneo, cabe ao professor e a equipe pedagógica possibilitar essa integração, desenvolver projetos e planejamentos com todos que compõem a equipe escolar, uma vez que o próprio documento da BNCC cita o Parecer CNE/CEB nº 5/2011, onde afirma que é necessário romper com a centralidade das disciplinas e substituir por aspectos mais globalizados. Sobre a importância do conhecimento interdisciplinar no âmbito escolar, Severino (2009) comenta que:

O conhecimento interdisciplinar é a resposta à complexidade do objeto, ou evento ou da situação, elementos que só são compreensíveis se o sujeito cognoscente levar em conta todos os aspectos neles envolvidos. Um conhecimento simples não dá conta do significado completo do objeto. (SEVERINO, 2009, p.40).

Na dinâmica interdisciplinar, o educador e/ou pesquisador deve levar em conta o diálogo permanente com os demais componentes curriculares e com os problemas do cotidiano, que permitem enfatizar a atualidade e a importância das humanidades, no que tange à formação crítica e criativa a partir da interação com as disciplinas científicas com a vida cotidiana. Essa possibilidade de ensino pode ser viabilizada tanto na forma de pensar sistematicamente sobre o conhecimento quanto na aplicação e na contextualização desse mesmo conhecimento elaborado.

Sobre a interdisciplinaridade, parte-se do pressuposto de que a BNCC, ainda que preconize a ação docente por meio das áreas de conhecimento, sinaliza em suas competências e habilidades a presença indireta das disciplinas mais tradicionais. Sendo assim, a proposta metodológica que será exposta no terceiro capítulo torna possível o cruzamento entre as habilidades das disciplinas de filosofia e língua portuguesa, levando em conta os seus objetos de conhecimento e os seus processos cognitivos. O resultado são relações interdisciplinares possíveis entre filosofia, língua portuguesa e artes, a partir da BNCC, passando pelo tema da ética.

2.3 POR QUE A ESCOLHA DA ÉTICA EM EPICURO?

Ensinar e aprender filosofia pode ser algo prazeroso? É possível, o prazer do conhecimento filosófico? No atual cenário em que nossa sociedade está inserida, imersa em profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e sanitárias, é necessário dar sentido ao que é ensinado nas escolas e ao modo como esses ensinamentos podem ser utilizados em sua vida, pois não é possível dissociar os conceitos trabalhados na filosofia da realidade natural e social dos seus agentes em formação.

Em um período de imensas transformações sociais, políticas e econômicas de sua época, Epicuro ocupou-se em elaborar sua doutrina com a finalidade de ajudar os homens do seu tempo a procurar dentro de si mesmos a solução para seus problemas. Sua reflexão filosófica converteu-se em doutrina que virou semente que foi semeada e irrigada, tornando-se árvore robusta e frondosa que, por sua vez, gerou frutos que alimentou as consciências e ajudou não só o homem de seu tempo, mas continua sendo até hoje fonte de inspiração para a busca de uma vida plena e feliz, especialmente nos momentos de enfrentamento das dificuldades.

As escolas filosóficas existentes, durante o período helenístico, compartilhavam da convicção de que o homem teria que encontrar em si mesmo outras motivações para ser feliz (MORAES, 1998, p. 62). Por isso, algumas delas desenvolveram propostas educativas e políticas que, de certa forma, proporcionavam um novo paradigma ao homem naquela sociedade em crise, mostrando que era possível ser feliz independente das condições

exteriores. Isso significa dizer que, administrando seu eu interior, o homem se torna protagonista de sua própria vida.

Na doutrina epicurista, seu direcionamento filosófico contemplava à obtenção da *eudaimonía*. Para Epicuro, a vida política impossibilitava e distanciava o homem da verdadeira felicidade e ainda possibilitava mais infelicidade. Na concepção epicurista, essa sociedade era precisamente um entrave à vida feliz. Assim, Epicuro ensinava aqueles que adentravam a sua escola a viver separado da sociedade e dos vãos conhecimentos que de nada contribuíam para a verdadeira felicidade. A doutrina de Epicuro parece propor outra forma de organização, de estrutura e modo de ser, incapaz, num primeiro momento, de ser aceito e incorporado no âmbito maior da sociedade. O que não implica excluir-se dela por contradição, senão, na pior das hipóteses, por incompatibilidade de prioridades no que tange ao próprio do humano em dimensão social ou pessoal, conforme o que seja possível para o tempo presente.

Distanciando-se do padrão da educação clássica, Epicuro apresentou uma nova concepção formativa e outra organização social, que tinha como modelo a sua escola. Ele propôs um modo de ensino totalmente diferente, sendo sua comunidade-escola aberta a todos, sem restrição de nacionalidade, sexo e riqueza. Bastava saber ler.

Epicuro é um dos primeiros filósofos a universalizar o ensino de filosofia. Para ele, não existia nenhuma barreira para o filosofar, como ele próprio diz, em sua *Carta a Meneceu*: “Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia” (EPICURO, 2002, p.21). Ele também transmitia, em seus ensinamentos, que era necessário o afastamento da vida política, pois segundo ele, a *eudaimonía* não se encontrava na vida política, mas particularmente no interior de cada pessoa. Assim, entendia que a felicidade não era uma semente que brotava no solo das relações políticas, mas no solo fértil da *philia*, pois era na relação de amizade, com seus correligionários no jardim, que a verdadeira felicidade brotaria.

Sua escola, o “jardim”, pode ser considerado uma resposta à impossibilidade em aderir à vida política, naquele momento tão conturbado e decadente da história grega. Num período de tantas mudanças políticas e sociais, associada ao obscurantismo da época, sua escola era um refúgio para

quem a frequentava, um espaço físico e formativo para retomar a felicidade baseada na amizade, num acordo mútuo para não infringir e nem sofrer injustiças. O jardim de Epicuro acolhia a todos aqueles que estavam dispostos a ouvir os seus ensinamentos, sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Sua filosofia visava à vida cotidiana e concreta e no jardim era ensinado a viver uma vida modesta e totalmente despojada, porque segundo Epicuro, a verdadeira *eudaimonía* brotava de uma vida simples no interior do homem, como podemos observar em suas próprias palavras:

Habitua-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não é conveniente para a saúde, como ainda propicia ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. (EPICURO, 2002, p. 41-43).

O epicurismo procurava relacionar a teoria com a prática, pois não bastava ter conhecimento do seu discurso filosófico era necessário exercitá-lo diariamente, possibilitando com que os conhecimentos transmitidos pelo mestre fossem internalizados pelo discípulo, dito de outro modo, que a semente filosófica criasse raízes e não fosse esquecida.

Ao frequentar o Jardim de Epicuro, o discípulo tinha que estar disposto a seguir o programa que era composto de exercícios intelectuais, que indicava que a felicidade podia ser encontrada diante da adoção de preceitos e práticas que consideravam a simplificação da vida. Entretanto, para essa simplificação era necessário aprender a viver com o que é fácil de ser alcançado, com o que satisfaz as necessidades fundamentais e renunciar ao que é supérfluo.

Dessa forma, vivendo conforme os ensinamentos e sabendo distinguir os prazeres necessários dos não necessários, o discípulo compreenderia a vida e os seus preceitos e, dessa forma, alcançaria a sua compreensão, especialmente uma ética duradoura e capaz de propiciar a paz de espírito. Em razão disso, a filosofia epicurista acreditava poder formar o verdadeiro sábio, que possuindo um conhecimento exato acerca das coisas, podia ser plenamente feliz.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que

bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? (EPICURO, 2002, p. 48-49).

Em acréscimo a isso, o filósofo apontou que o homem deve viver segundo na seguinte forma: são vãos os temores dos deuses; é absurdo o medo da morte; o prazer deve ser buscado comedidamente e a dor ou o mal têm breve duração. Com base nessa compreensão e aplicação do quádruplo remédio, o homem estaria livre das perturbações do corpo e da alma. O homem que vivesse esses ensinamentos adquiriria a paz de espírito e a *eudaimonía*, ou seja, viveria como um deus entre os homens, porque se tornaria imune à corrupção do mundo.

A proposta educativa e política de Epicuro tinha, como preocupação fundamental, apontar os elementos essenciais para o homem encontrar a felicidade e a paz de espírito diante da sociedade. A sua proposta marcou profundamente o período helenístico, pois procurou preencher o vazio existencial do homem e, de certa forma, apontou um direcionamento para a sociedade que se organizava.

A sua filosofia e o seu ideal educativo apresentavam-se essencialmente como um modo de viver e de se portar diante da existência cotidiana da vida. Assim, a educação filosófica consistia em ensinar a arte de viver e de relacionar-se com as coisas concretas, visando consolidar um novo estilo de vida e de existência.

Nos últimos dois anos (2020 e 2021), a humanidade vivenciou em diferentes lugares do planeta um tempo de prevenção e isolamento social, com implicações em toda a população mundial. Nesse contexto, os impactos causados pelo Coronavírus mudaram rotinas e comportamentos. A saúde apareceu como um bem social que precisa ser preservado acima dos outros imperativos, e isso questionou o papel dos Estados e da sociedade em geral.

Em termos educacionais, a filosofia mostra seu papel social tão importante na vida da humanidade que é proporcionar a reflexão sobre temas da vida do ser humano em todas as suas dimensões, física, psíquica,

emocional, social e biopsicossocial. Essa é a proposta que será abordada a seguir.

CAPÍTULO III – O JARDIM DAS REFLEXÕES: ABORDAGEM DO EPICURISMO NO ENSINO MÉDIO

Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. (EPICURO, 2002, p.22-23).

Pensando em nossa prática diária e na realidade da escola onde estamos inseridos, percebe-se que diversificar as abordagens de ensino de filosofia não é uma tarefa fácil, pois existe uma série de condições que precisam ser atendidas para enfrentar e superar as adversidades vivenciadas atualmente do contexto escolar, principalmente em escolas públicas.

A primeira delas é o pouco número de aulas semanais para ministrar o extenso conteúdo que é proposto pela grade curricular, sendo que, na maioria das escolas que oferecem a etapa do ensino médio, só há uma aula de filosofia por semana e o tempo dedicado a ela raramente ultrapassa os 50 minutos. Como atuo em uma escola na periferia de Manaus com certo índice de criminalidade, o tempo de aula no turno noturno foi reduzido para 40 minutos, para que os alunos e funcionários da escola saiam para suas casas em um horário considerado menos perigoso. Para otimizar o meu tempo em sala de aula, levo o texto a ser trabalhado já impresso com a atividade para ser respondida, escrevendo no quadro algumas considerações.

Além do curto tempo das aulas, o novo currículo (ainda em fase de elaboração), apresentado por um representante da Secretaria de Educação-SEDUC, no I Fórum dos professores de filosofia e sociologia que aconteceu no dia 17 de setembro do corrente ano, sinaliza a saída da Filosofia do currículo dos Terceiros Anos, fazendo parte apenas dos primeiros e segundos anos do ensino médio. O que se sabe é que, no lugar de Filosofia e Sociologia, os alunos dos Terceiros Anos terão duas aulas de Redação. Contudo, ainda não está bem definida, essa nova proposta de modelo de ensino. No momento atual de implantação da BNCC existem mais dúvidas do que certezas.

A segunda dificuldade encontrada refere-se à leitura e interpretação de textos filosóficos e não filosóficos. Observando que a deficiência está presente desde a 1ª. série do ensino médio, procuro sempre fazer durante as aulas, atividades que envolvam a leitura de textos, poemas, músicas, reportagens de jornais, com temas diversos que façam eles refletirem sobre a atualidade, mostrando que a filosofia não fica alheia aos problemas atuais e que ela sempre busca interpretar esses problemas e indica também uma possível solução.

A terceira dificuldade é a falta de interesse pelas aulas de filosofia por parte dos alunos. Observo que eles se preocupam mais com a matemática e a língua portuguesa. Talvez porque não percebem a utilidade prática da filosofia. O epicurismo nos aponta possibilidades para mostrar que a filosofia se mantém atual, que as preocupações de hoje não são tão diferentes do seu tempo e que sua filosofia se adequa aos desafios da vida moderna. Os epicuristas estavam interessados, por exemplo, em viver com moderação, uma prática que nos nossos dias pode ser traduzida de “consumo consciente” e praticavam diariamente a atividade filosófica como caminho para viver com sabedoria, felicidade e saúde do espírito como diz na sentença 24: “Não se deve simular filosofar, mas filosofar efetivamente; pois não precisamos parecer saudáveis, mas ter saúde verdadeira” (EPICURO, 2014, p.51). Em outras palavras: o filosofar não pode ser separado dos afazeres das atividades diárias e sem nenhuma relação com a nossa felicidade que é a saúde verdadeira.

A quarta dificuldade enfrentada é a falta de recursos didáticos para a realização de atividades próprias ao ensino de filosofia. Infelizmente, a maioria das escolas públicas carece de boas bibliotecas, livros, laboratórios e não dispõem de recursos financeiros para adquirir materiais para a confecção de produtos educativos que poderiam contribuir no processo ensino-aprendizagem.

Deve-se ressaltar também que mesmo vivendo num mundo tecnológico, as escolas públicas não usufruem de internet com uma boa conexão para que os docentes possam, pelo menos, utilizar o Diário Eletrônico¹ que é a

¹ Com a finalidade de modernizar a rede escolar, no ano de 2010, a Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC/AM), em parceria com a empresa

plataforma utilizada para registrar a frequência dos alunos, conteúdo ministrado e as avaliações.

Sou professora de filosofia no ensino médio desde 1999 e desde 2008 exerço a função no turno noturno em uma escola pública estadual na periferia de Manaus. O público alvo dessa escola é diversificado e com diferentes faixas etárias, constituído por jovens e adultos, na sua maioria, trabalhadores, jovens mães e alguns alunos estão matriculados em séries fora da faixa etária instituída legalmente. Em determinados momentos observa-se a falta de interesse por parte de alguns alunos, que não percebem nenhum atrativo na escola que possa incentivá-los a buscar conhecimentos. Muitos pensam que filosofia é uma “matéria de menor importância” e priorizam outras disciplinas cujos conteúdos constam nos processos seletivos das universidades e faculdades. Há também aqueles alunos que são trabalhadores e não dispõem de tempo para a realização de atividades em casa e, em sala de aula, têm o rendimento comprometidos pela fadiga.

De acordo com Lídia Maria Rodrigo (2009), é um equívoco o professor atribuir aos outros o mesmo nível de interesse que ele tem por sua área de conhecimento. No caso do ensino de filosofia, o professor não pode contar com nenhum interesse prévio dos seus alunos, e nem que todos eles sintam necessidade de estudar e aprender o conhecimento filosófico. Para a autora, o desinteresse observado nas aulas de filosofia deriva, às vezes, da falta de compreensão dos conteúdos ou do estudante não encontrar um significado nesses conhecimentos em sua vida cotidiana.

A quinta dificuldade que encontro na minha prática docente é imposta pela própria “natureza” da filosofia, de como ela vem sendo abordada em muitos livros didáticos e como vem sendo trabalhada por alguns professores. O estudo da filosofia depende de leitura e que às vezes apresenta certo nível de dificuldade que pode fazer com que os alunos considerem desinteressante.

Alguns livros didáticos que os alunos recebem gratuitamente nas escolas, apresentam os conteúdos em textos extensos, escrita rebuscada, sem contextualização, o que realmente o torna sem nenhum atrativo para o estudante que já vem de uma intensa jornada diária de trabalho.

Ler um texto filosófico não é tarefa fácil para os professores, imaginem para um jovem de ensino médio que está iniciando o seu contato com o conteúdo e a forma de expressar da filosofia. Porém, isso não quer dizer que esses jovens não consigam ler textos filosóficos, pois acredito que eles têm condições e devem fazê-lo. A questão é qual metodologia utilizar para que esses alunos consigam não somente ler, mas ler significativamente, interpretar e transpor o que entenderam na forma escrita.

Silveira (2007), em suas *Teses sobre o ensino de Filosofia no nível médio*, destaca em sua primeira tese que a filosofia não é uma atividade intelectual acessível apenas aos profissionais, mas nem por isso é algo fácil e banal. Para o autor, tratar a filosofia como uma atividade destinada apenas aos especialistas é uma atitude de certo modo preconceituosa. É preciso desconstruir esse preconceito e conceber a filosofia como acessível e compreensível, desde que o seu ensino não seja tratado com banalidade. Para Epicuro, “É preciso rir ao filosofar e também ao administrar a casa e se servir de todas as coisas que nos são próprias, sem nunca cessar de propor as palavras da filosofia correta” (EPICURO, 2014, p. 41). A filosofia pode ser transmitida de modo simples, com alegria e com a possibilidade do riso, sem perder a seriedade, para superar o senso comum, desenvolvendo uma consciência crítica que possa conduzir a elevação cultural do educando.

Ainda na mesma obra, Silveira em sua sétima tese, destaca que “a seleção dos conteúdos a serem estudados em filosofia é de responsabilidade do professor de filosofia” (SILVEIRA, 2007, p. 96). Para o autor, parece que há uma visão bastante difundida entre os professores de filosofia em relação à escolha do conteúdo programático. Essa visão remete como critério a satisfação dos interesses dos alunos com a finalidade de incentivá-los ao estudo dos conteúdos filosóficos. Se o objetivo é preparar os alunos para a compreensão e reflexão da realidade e tornar o seu cotidiano objeto de reflexão, cabe ao professor questionar-se sobre os autores, conceitos e categorias que possam ajudá-lo em seu objetivo.

O autor destaca ainda, em sua tese seis, que “o recurso da história da filosofia e a textos filosóficos, dos próprios filósofos, é fundamental para o trabalho pedagógico” (SILVEIRA, 2007, p. 94). O professor de filosofia, em suas aulas, não pode desprezar vinte e sete séculos de tradição filosófica,

sendo necessário pensar no modo como pode tratá-la em suas aulas, considerando as condições de ensino em nível médio. Dependendo do objetivo almejado pelo professor, a História da Filosofia pode ser tratada como centro ou como referencial. Como centro, o recurso da História da Filosofia pode familiarizar os alunos com os problemas de um determinado contexto histórico, mostrando como o homem daquele momento conseguiu pensar e enfrentar as crises e os problemas de sua época. Neste sentido, são possíveis vários tipos de articulação temática ou por autores e, baseado nestas articulações, o professor pode traçar roteiros e até planos de aulas, tendo em vista fornecer uma visão histórica e/ou tematicamente articulada da filosofia. Na outra perspectiva, os temas são tratados apenas como referenciais para as discussões.

Na perspectiva da História da Filosofia tomada apenas como referencial ilustrativo de determinados temas que se deseja enfatizar, os temas são tratados independentes dos sistemas ou autores, levados em conta apenas na medida em que propiciam referenciais para a discussão. É possível elencar pelo menos duas vantagens deste tipo de abordagem: a primeira é a liberdade de escolha dos temas, sem que eles estejam atrelados a nenhuma ordem, sendo possível recorrer aos textos dos autores e sistemas, articulando-os a um dado momento histórico; a segunda é interessante porque os temas podem ser escolhidos em função da atualidade, do momento histórico e social em que se vive. Isto não quer dizer que se trataria em aula apenas com os assuntos da moda, mas as aulas podem mostrar que o passado auxilia a compreensão do presente, quando este recurso é utilizado com essa função.

O ensino de filosofia, na verdade, deve assumir uma dinâmica própria na questão entre teoria e prática, permitindo que as reflexões do passado possam também ser interpretadas a luz da contemporaneidade. Como afirma Evandro Ghedin:

O conteúdo tradicional, produzido pela cultura humana ao longo da história, há de ser passado aos jovens com base nos temas de nosso tempo mais diretamente ligados às inquietações que lhes são próprias. Dessa forma, a filosofia pode mostrar-se interessante ao mesmo tempo desempenhar seu papel de conscientização do ser humano contemporâneo. (GHEDIN, 2009, p.151).

Dessa forma, a filosofia, enquanto área do conhecimento, terá sempre uma ligação entre o passado e o presente, pois no passado podemos observar como o ser humano conseguiu lidar com certas problemáticas de seu tempo. Enquanto disciplina a ser ministrada no ensino médio, ela lança possibilidades de buscar as respostas para a causa dos problemas atuais que permeiam nossa sociedade.

No que diz respeito ao domínio da reflexão filosófica, Lídia Maria Rodrigo (2009) aponta que grande parte dos alunos das escolas públicas não possuem qualificações para a apropriação dessa forma do saber, pois as deficiências culturais dos alunos socialmente desprivilegiados são de tal ordem que, muitas vezes, não conseguem ler e compreender textos com estruturas simples.

Evandro Ghedin (2009) destaca que os temas da filosofia não devem ser ensinados de qualquer forma e nem a metodologia ser tratada de forma isolada, mas a partir de um fenômeno maior e de uma realidade mais ampla. Para o autor:

Os temas e a metodologia do ensino dessa disciplina não podem ser pensados de modo que se desconsidere a situação concreta do educando nem como elementos autônomos, mas como partes imbricadas na realidade social, política, cultural e histórica que os condiciona ideologicamente. (GHEDIN, 2009, p. 148).

É atribuição do professor, desenvolver essas qualificações para que o estudo da filosofia seja significativo aos alunos. Se o aluno não possui as qualificações desejadas é necessário juntamente com o ensino dos conteúdos filosóficos aprimorar, nesse aluno, a capacidade de ler, interpretar, abstrair, argumentar e redigir.

Diante de tais dificuldades, é preciso empenho dos professores de filosofia para encontrar estratégias que possam despertar no aluno do ensino médio o interesse e o prazer de estudar algo que, à primeira vista, é cansativo para eles. Além disso, a leitura disputa a atenção dos alunos com uma série de estímulos muito mais atrativos do que a leitura de um texto clássico como, por exemplo, as redes sociais, o cinema, a música, as séries e os jogos on-line. Sobre os efeitos dos recursos informativos sobre as pessoas, Maurício Abdala (2009) comenta que:

A sociedade moderna dispõe de uma quantidade enorme de mecanismos de informação e entretenimento que, por um lado, disponibilizam uma infinidade de meios para se obter conhecimentos e lazer, mas que por outro, podem afastar as pessoas de sua própria realidade, universalizar valores particulares, manipular informações, criar um entendimento superficial do mundo e da natureza e abafar manifestações culturais regionais. (ABDALA, 2009, p. 36).

A falta de preparo didático com o qual os licenciados em filosofia saem da graduação também é um ponto que deve ser levado em consideração. Por mais que exista a oportunidade de realizar os estágios em docência, quando o professor de Filosofia adentra as salas de aula é que ele tem a real noção do que é estar à frente de um processo de ensino. Não há uma receita para tornar-se um bom professor; cada turma é um desafio novo que o profissional necessita de subsídios para enfrentar. Nesse sentido, se o professor desejar realizar o seu trabalho com mais qualidade ele terá de “encontrar formas de superar as deficiências de sua formação inicial, buscando cursos e eventos científicos que propiciem um aprimoramento na área e, principalmente, fazendo do estudo pessoal uma constante na sua vida profissional” (RODRIGO, 2009, p. 69).

Conhecer o conteúdo a ser ministrado não é o suficiente, pois apenas conhecer e acumular conteúdo da disciplina não garante o bom desenvolvimento da sua transmissão. É necessário, sobretudo, estar atento às produções acadêmicas a respeito do ensino de Filosofia para que desta forma se coloque a prática docente em perspectiva de aperfeiçoamento. É necessário também que aquele conteúdo selecionado faça parte do cotidiano do aluno e que ele possa fazer sentido em sua vida.

O tempo de experiência profissional também não é garantia de excelência didática em todas as séries de ensino. Um professor comprometido verdadeiramente com o ensino precisa refletir continuamente sobre a sua forma de ensinar ou o tempo decorrido servirá apenas para cristalizar os maus hábitos adotados na prática docente.

No entanto, vale lembrar que não é uma “obrigação” fazer com que as aulas sejam sempre inovadoras, animadas ou engraçadas, nem de simular animadores de programas de auditório, muito menos fingir ser um digital influencer ou youtuber. O método expositivo e a leitura em conjunto de textos clássicos ainda são ferramentas muito eficazes e indispensáveis para o estudo

de Filosofia. Além disso, alguns conteúdos, mais densos, não proporcionam muitas possibilidades didáticas. Contudo, o professor não pode desconsiderar que os alunos não vêm “vazios” de conhecimento. Eles trazem consigo vivências que muitos dos professores não possuem. Suas experiências cotidianas em família, no trabalho ou na comunidade onde estão inseridos também podem ser objeto de reflexão.

Abdala (2009) propõe que a metodologia de ensino deve ser pensada de maneira que possibilite um “triplo movimento”: 1) colocar o aluno em contato com a realidade vivida; 2) procurar, de maneira crítica, os fundamentos dessa realidade a partir de um trabalho de abstração e 3) reconstruir a compreensão do real substituindo o conhecimento fragmentado por uma compreensão concreta pautada numa autonomia de pensamento (sempre relativa) e dimensão emancipatória.

É importante que os estudantes consigam construir, no decorrer do Ensino Médio, um conhecimento básico a respeito dos principais temas filosóficos e possam, também, valer-se daquilo que foi aprendido para dar uma base sólida aos seus pensamentos. Ao professor é importante ter a responsabilidade de tentar se fazer compreendido pelos seus alunos, e não esquecer que o ensino é, fundamentalmente, comunicação. É necessário que possa haver um diálogo entre professor e aluno. Todas as pessoas vivem em uma realidade determinada por fatores de ordem social, econômica, política, cultural entre outras, que estabelecem limites e possibilidades para o seu desenvolvimento enquanto pessoa. Utilizando da concepção metodológica dialética o professor deve:

[...] criar condições para que os educandos entrem em contato com a sua própria realidade por meio do diálogo sobre as condições vividas, da leitura de textos jornalísticos, de documentários ou outros recursos audiovisuais e informativos que retratam a realidade, de estudos provenientes das outras disciplinas e, quando possível de visita *in loco* aos espaços em que o tema se manifesta. (ABDALA, 2009, p. 36).

Para Abdala (2009), a concepção metodológica deve transformar-se em um método de ensino. O que se chama de método é a elaboração de uma aula ou a sequência de aulas sobre determinado conteúdo definido onde serão

estabelecidos a ordem dos temas, os recursos didáticos, as tarefas sugeridas, os resultados esperados e a forma de avaliação.

Para o autor, não é possível uma padronização no método de ensino de filosofia, pois a prática docente depende de vários fatores, como por exemplo: habilidades do docente, realidade socioeconômica e cultural dos educandos, o conteúdo abordado, o espaço físico disponível, o acesso a recursos tecnológicos, entre outros. Portanto, não há receita pronta e milagrosa que garanta um bom processo de ensino-aprendizagem. Mas é possível apresentar recursos e orientações gerais sobre o ensino, como afirma Abdala:

[...] O método, portanto, não é apenas um “meio” para transmitir conteúdos, mas um elemento que compõe a totalidade que se designa por ensino.

Por aí se pode perceber a importância que a elaboração do método possui. O ensino de Filosofia (como qualquer disciplina) não pode ficar submetido a improvisos ou depender apenas do carisma ou das habilidades pessoais do filósofo-educador, nem se tornar “agradável” apenas pela quantidade de recursos que a moderna tecnologia de ensino disponibiliza. (ABDALA, 2009, p. 47).

A prática pode assumir várias características moldando os conteúdos as diversas concepções que nem sempre estão explícitas. Com a elaboração do método de ensino, o professor planeja a prática de acordo com a sua concepção metodológica, pelo conhecimento dos valores definidos pelos documentos que norteiam a educação básica e pelos objetivos que pretende alcançar.

Porém, nem mesmo os documentos norteadores conseguiram dar conta das mudanças e adaptações do ensino durante esses quase dois anos de pandemia de Covid-19 (2020 e 2021).

3.1 ENSINO DE FILOSOFIA E A PANDEMIA

No dia 17 de março de 2020 foram suspensas todas as atividades escolares no Estado do Amazonas,² devido ao vírus Sars-cov-2. A partir de então, a Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC) em conjunto com toda a equipe técnica e a gestão das escolas públicas estaduais iniciaram uma

² A suspensão das aulas presenciais e a adoção do modelo de ensino remoto foi instituída pelos Decretos nº 42.061, nº. 42.063 e nº. 42.087, o primeiro datado do dia 16, o segundo do dia 17 e o terceiro do dia 19 de março de 2020.

jornada de adaptação para um novo modelo de aula que atendesse as necessidades de continuidade do ensino naquele momento. Foi então que o Governo do Amazonas, juntamente com a SEDUC e os canais 2.2, 2.3, 2.4 e 2.5 da TV Encontro das Águas, iniciaram as transmissões pela TV do projeto “Aula em Casa”.

Na ocasião, o secretário adjunto pedagógico da SEDUC, enfatizou que o regime especial de aulas não presenciais surgiu mediante determinação do governador do Amazonas, Wilson Lima, à Secretaria de Estado de Educação e Desporto, para que diante do cenário de suspensão das aulas presenciais fossem criadas estratégias de continuidade do ano letivo de modo a amenizar os prejuízos educacionais em virtude da pandemia Covid-19, disposto na Resolução nº30/2020-CEE-AM, aprovada em 18 de março de 2020, que recomendava providências para a operacionalização do ano letivo de 2020, sem prejuízo à população discente.

As diretrizes pedagógicas do “Aula em Casa” foram definidas para nortear professores, alunos, gestores, coordenadores e responsáveis pelos estudantes no período de regime especial de aulas não presenciais, direcionadas aos estudantes de cada nível, etapa e modalidade da Educação Básica. Os conteúdos programados para o ano letivo de 2020, considerando os objetos de conhecimento dispostos nas propostas curriculares vigentes.

Durante o regime especial, foram adotadas algumas medidas consideradas importantes para o sucesso do programa. Dentre elas, podemos citar: a) Para os anos iniciais do ensino fundamental são propostas atividades impressas ou digitais, quando possível, como as utilizadas em portais e sites educacionais gratuitos, que contribuem para as aprendizagens relacionadas ao currículo escolar, com foco no desenvolvimento da alfabetização, da leitura, da escrita e dos conhecimentos matemáticos; b) Para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio as diretrizes pedagógicas sugerem a indicação de filmes, vídeos, documentários, sites, leituras, pesquisas, produção textual, de acordo com os objetos de conhecimento previstos e disponibilizados nas aulas de por intermédio de Centro de Mídias de Educação do Amazonas – CEMEAM. (AMAZONAS, 2020).

Para os estudantes do Ensino Médio, as aulas deveriam ser acompanhadas pela TV conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Programação por ano/série.

Quadro 1: Programação por ano/série

Canais de TV	Matutino 8h às 11h	Vespertino 13h às 16h20	Noturno 18h às 21h20
Canal 2.2	6º ano Avançar Fase 3 EJA 2º Seg. (1ª Fase)	8º ano Avançar Fase 4 EJA 2º Seg. (2ª Fase)	1ª série EM EJA Médio (1ª Fase)
Canal 2.3	7º ano EJA 2º Seg. (1ª Fase)	9º ano EJA 2º Seg. (2ª Fase)	2ª série EM EJA Médio (1ª Fase)
Canal 2.4	1ª série EM EJA Médio (1ª Fase)	2ª série EM EJA Médio (1ª Fase)	3ª série EM EJA Médio (2ª Fase)

Fonte: SEDUC/AM, 2020.

Além da programação da TV aberta, as aulas eram disponibilizadas também nas plataformas Saber Mais e no Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA, conforme quadro abaixo:

Quadro 2: Endereços das plataformas onde as aulas foram disponibilizadas:

Site SEDUC/AM	Disponível em: < http://www.educacao.am.gov.br/ >
Plataforma Saber Mais	Disponível em: < https://sabermais.seduc.am.gov.br/ >
Ambiente Virtual de Aprendizagem	Disponível em: < https://avaseduc.am.gov.br/app/login >

Fonte: SEDUC/AM, 2020.

Quanto aos docentes, estes eram responsáveis por manter a rotina de contato com as turmas, via aplicativos de mensagem instantânea, para orientação das estratégias de continuidade do currículo escolar definidas pela SEDUC, elaborar planos de aulas para serem aplicados no retorno das aulas presenciais, mobilizar os estudantes para assistir as aulas pela TV e/ou plataformas educacionais disponibilizadas, indicar filmes, vídeos no Youtube, documentários, slides, leituras, produção de texto de acordo com os objetivos previstos no plano de aula e criar turmas virtuais nas plataformas gratuitas.

Acreditava-se que essas iniciativas traziam alguns aspectos positivos, pois garantia que os estudantes mantivessem a rotina de estudo, permitia a participação mais efetiva das famílias no processo de escolarização (no caso das crianças do ensino fundamental) e desafiava os agentes da rede estadual

de ensino a propor alternativas educacionais inovadoras, conforme as necessidades daquele momento.

No entanto, a realidade dos alunos da rede estadual de ensino é bem diferente, conforme a perspectiva dos agentes envolvidos no processo (professores, alunos, pedagogos e pais). Durante o período de pandemia encontrei certa vez em um mercado local uma ex-aluna mãe de 4 filhos em idades escolares bem diferentes. Ao indagar sobre como estava acompanhando as aulas dos seus filhos em casa, a ex-aluna respondeu que não conseguia acompanhar, pois tinha somente um aparelho de televisão em casa e apenas um smartphone que não funcionava tão bem, o que dificultava muito o acompanhamento dos conteúdos pelos seus filhos.

Além disso, logo que foram formadas as turmas nas salas virtuais e nos grupos de mensagens, os professores perceberam que pouquíssimos alunos tinham acesso à internet. Seus pacotes de dados mal possibilitavam acompanhar as mensagens no grupo, imaginem acessar vídeos e plataformas educacionais. Com pouco espaço na memória dos smartphones, os alunos não conseguiam baixar os textos e as atividades que eram encaminhadas nos grupos de mensagem. Esses exemplos são apenas para ilustrar algumas das dificuldades encontradas do decorrer das aulas remotas, sem contar com as dificuldades de ordem familiar, financeira e emocional.

Mesmo com todas as dificuldades, alguns alunos ainda conseguiram acessar as aulas on-line, nos dias marcados. Porém, dificilmente ultrapassava o total de 10 participantes por aula em uma turma de 30 alunos ou mais matriculados. Para incentivar a participação dos alunos, criamos alguns vídeos curtos e convites animados que foram compartilhados nos grupos de mensagens, como podemos ver pelas imagens nos apêndices A, B e C. Esses recursos foram compartilhados nos grupos de mensagens dos alunos e nas demais plataformas que estavam sendo utilizadas na época. Além disso, foi criada uma página em uma rede social com o objetivo de alcançar um número maior de alunos participantes. A página do Instagram foi denominada de “Jardim das Reflexões”, como alusão ao Jardim de Epicuro, foi disponibilizada para o acesso dos alunos pelo link: https://www.instagram.com/invites/contact/?i=1bnlj1g6emcy&utm_content=hxvshw.

Durante o período de aulas remotas, os professores deveriam seguir o mesmo conteúdo das aulas do projeto “Aula em casa”, reforçando o conteúdo e ao mesmo tempo, tentando manter o vínculo com os alunos nas salas virtuais. Infelizmente, nem todos os alunos tiveram acesso às aulas, pois alguns deles não dispunham de meios para o acesso, por vários motivos como: falta de conexão, de smartphone, por motivos laborais, entre outros. Por isso não foi possível realizar as aulas da maneira que pudéssemos avançar no conteúdo para não colaborar ainda mais com a exclusão que o ensino remoto promoveu, uma vez que muitos alunos não acompanharam as aulas remotas.

Apesar do WhastApp ter sido adotado pela rede pública de ensino, como forma de garantir que os estudantes pudessem de alguma forma dar continuidade aos estudos, a ferramenta tecnológica não estava ao alcance de todos que precisavam utilizá-la para complementar os materiais impressos, assistir as aulas online, resolver os exercícios propostos ou manter contato com os professores das disciplinas, dentre elas a de Filosofia.

Na ocasião, nosso objetivo era manter o contato com as turmas, estabelecendo laços necessários para o intercâmbio e a comunicação com os alunos principalmente com as turmas dos anos iniciais, sem prejudicar aqueles que não tinham acesso aos meios de comunicação. Nas palavras do mestre epicurista: “Exerçamos nossa simpatia para com os amigos não no luto, mas na solicitude” (EPICURO, 2014, p.63), ou seja, não é chorando os mortos, mas ajudando os vivos que podemos exercer a nossa simpatia.

O “Jardim Virtual”, como foi chamada a sala virtual na plataforma google meet, onde abria espaço não somente para as aulas, mas também para comunicação com os alunos, um espaço onde pudesse oferecer um pouco de segurança, apoio, informação e, acima de tudo mantermos, a humanidade e solidariedade, num momento onde os contatos eram apenas virtuais, o distanciamento físico não poderia ser distanciamento emocional e, que a interação e a afetividade podem ser mantidas, mesmo que à distância.

O ambiente virtual não nos deixa tão à vontade quando a sala de aula convencional, além disso, não houve nenhum treinamento para utilizar as plataformas educacionais do Google for Education. A maioria dos professores precisou ser autodidata e encarar mais um desafio para aprender a utilizar as ferramentas dessa plataforma. Nos apêndices G, H, I, J, L e M, mostramos as

salas virtuais, ou seja, nosso “Jardim virtual”. A opção de não mostrar os rostos dos participantes foi devido a maioria não ter retornado a escola nas aulas presenciais, impossibilitando assim que pudéssemos pedir a autorização para utilização das imagens.

Durante as aulas virtuais, tentamos introduzir alguns temas relacionados ao momento pandêmico como, o medo da morte, o isolamento e o distanciamento social e a necessidade da serenidade durante os momentos difíceis, especialmente das mortes dos parentes e amigos. A importância em mantermos os laços de amizade também foi um tema abordado durante as aulas remotas.

Mesmo com o retorno das aulas presenciais em junho desse ano de 2021, é importante ressaltar que o retorno não teve a adesão dos alunos como a SEDUC esperava. As turmas foram divididas em dois grupos (A e B), enquanto o grupo A assistia aula presencial o grupo B acompanhava o projeto Aula em Casa e vice-versa. O turno noturno apresentou salas praticamente vazias nos primeiros e segundos anos do ensino médio (com aproximadamente 5 a 8 alunos por dia), enquanto os terceiros anos a frequência era um pouco maior (de 10 a 15 alunos por dia).

O retorno das aulas 100% presenciais aconteceu no dia 23 de agosto, ainda com um número de presença pouco significativo. Segundo relatos dos próprios alunos, muitos tiveram sua renda familiar comprometida na pandemia e agora precisam aumentar sua carga horária de trabalho e mesmo no turno noturno não estão conseguindo conciliar o trabalho com os estudos, enquanto outros estão desempregados e não dispõem de meios para se deslocarem para a escola, pois a clientela escolar não é formada apenas por pessoas que moram no entorno da escola, mas também de pessoas que vem de bairros muito distantes.

3.2 EPICURO NO ENSINO DE FILOSOFIA: ESPALHANDO AS SEMENTES

Muitos anos após seu nascimento, a filosofia continua sempre atual e ainda tem algo a nos dizer, principalmente os filósofos gregos antigos. O momento em que vivemos é muito oportuno para mostrar que a filosofia nos

ajuda a refletir e encontrar possíveis soluções para nossos problemas. Pensando sobre nossa vida, nossas perspectivas para o pós pandemia e de como fazer para sermos e permanecermos felizes mesmo vivenciando esse momento de perdas – simbólicas e concretas – dos entes queridos, da liberdade e da felicidade, faz com que as incertezas dos dias de hoje nos leve à reflexão de um futuro diferente. Em meio a essas reflexões sobre temas como a vida, a morte, o isolamento e a felicidade, recorreremos, em nossas aulas, ao filósofo Epicuro de Samos.

Diante dos problemas atuais, não muito diferentes dos antigos, a filosofia epicurista, oriunda de uma época de crise, nos ajuda a refletir e buscar caminhos para as atuais dificuldades de nossa época também de crise, procurando verificar quais as soluções encontradas pelos gregos no final do período antigo. Em sua época, Epicuro se propôs a refletir sobre os problemas existentes, tentando responder a partir de referenciais éticos, do conhecimento da natureza das coisas, fazendo com que os homens pudessem se posicionar, compreendendo a sua própria dimensão e o seu próprio papel.

A sabedoria de Epicuro volta-se para o exercício prático de atitude perante a vida. Em sua obra *Carta sobre a felicidade (a Menecceu)* o filósofo exorta o exercício do filosofar como caminho indispensável ao maior dos bens: a felicidade, compreendida e realizada na vida. O exercício do filosofar é impregnado de seu fim prático que reúne a reflexão, os afetos e a experiência corpórea. E, ainda, da amizade como o elo necessário entre a felicidade do indivíduo e a harmonia da comunidade.

Nela, é possível observar sua doutrina, sua visão de mundo e como encarava seus medos. Sua doutrina foi durante muito tempo entendida de forma errônea ao que diz respeito aos prazeres, que muitas vezes eram confundidos com prazeres carnais, mundanos, do prazer sem medida, por isso, era associado ao hedonismo.

Sua Carta foi um documento decisivo e importante para desfazer esse equívoco de uma tradição que associava o Epicurismo aos prazeres demasiados. Nela, Epicuro aconselhava que toda escolha deveria visar à saúde do corpo e à tranquilidade do espírito, visto que isso seria a possibilidade de uma vida feliz.

Assim como na época de Epicuro, estamos vivenciando um cenário político, social, e econômico turbulento. Em um cenário de turbulências, Epicuro refletiu sobre a sua época, reflexões e caminhos que nós também podemos recorrer para pensar sobre os nossos problemas atuais, ressaltando as devidas diferenças históricas e sociais. Ele afirma que, mesmo em tempos de adversidades, o homem pode e deve procurar meios para ser feliz, pode buscar o prazer, porque ele nasceu para a felicidade. Ele mostra, porém, que esse bem que é agora um bem num sentido estritamente pessoal, tem que ser conquistado distante das agitações da sociedade e do universo político.

O que o homem grego de sua época está procurando é a “saúde da alma” (*psiqué*). Segundo a doutrina epicurista, essa saúde só poderá ser conquistada pela superação da ignorância, causa, segundo Epicuro, de uma série de crendices, ou seja, pelo uso da sabedoria, da ciência e de um conhecimento que aclara a vida interior. Os epicuristas incentivam a superação de todas as formas de obscurantismos, por meio da compreensão do processo de funcionamento de todas as coisas, inclusive da mecânica do universo.

O epicurismo nos mostra parâmetros que podemos usar no mundo contemporâneo, nesse período que estamos passando de caos, doenças, crise sanitária, política e ética, descaso pelo conhecimento, onde o obscurantismo e o senso comum parecem se sobressair a ciência, aspectos que tornam o Epicurismo necessário e atual.

No período helenístico a noção de “saúde do espírito” denota uma característica comum às escolas filosóficas daquele período, dentre elas a epicurista. A ética epicurista procura o bem próprio do homem, há uma ênfase na discussão sobre a melhor maneira de viver, seja na alegria ou no infortúnio. A plenitude de sua realização seria o alcance da perfeita serenidade interior (*ataraxía*), independentemente das circunstâncias. Cuidar da saúde física e emocional (saúde do espírito) faz parte de uma das 10 competências gerais do “novo ensino médio”. A competência 8 estabelece a necessidade do aluno: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2018, p. 10).

A doutrina epicurista apresentava-se essencialmente como um modo de viver e de se portar diante da existência cotidiana. Frequentar a escola de Epicuro exigia uma mudança na forma de viver, que não se dava apenas no nível teórico, mas no nível interior e no relacionamento com o outro (amigo), com a natureza e com as coisas mais simples da vida (comer, beber, etc).

Por volta de 306, Epicuro adquire em Atenas uma pequena casa com um jardim onde abre sua escola (na verdade se configura mais como uma comunidade) de filosofia que logo fica conhecida como o “jardim de Epicuro”. Ele exerce muita influência, não somente pelo modelo de ensino e pela sua “filosofia para todos”, mas pelo seu exemplo de homem bondoso, de natureza terna e amável.

Epicuro é um filósofo cujo ensinamento leva o homem a tentar tornar sua vida presente a melhor possível, onde o bem primeiro está no prazer, mas não nos prazeres mundanos, mas nos prazeres da atividade reflexiva e da dedicação à filosofia que para ele é um dos meios para alcançar a saúde do espírito: “Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito” (EPICURO, 2002, p. 21).

A educação epicurista consistia sobretudo em ensinar ao homem a arte de viver e de relacionar-se com as pessoas, com o mundo e consigo mesmo. Por esse motivo o epicurismo constitui-se uma novidade na sociedade grega antiga, pois se apresentou com uma proposta diferente das demais escolas clássicas, principalmente por suas preocupações universalistas. Além disso, Epicuro ensina a assumir a responsabilidade também por nossas escolhas:

Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. (EPICURO, 2002, p.43-45).

Quando observamos os jovens estudantes do ensino médio, percebe-se que eles estão diretamente influenciados por fatores encontrados no contexto social atual, em uma sociedade que associa a quantidade de bens materiais

relacionadas a felicidade, o chamado consumismo que é frequentemente acompanhado pela pouca ou total falta de interesse pela busca do conhecimento. É necessário, sobretudo que o jovem possa refletir sobre suas ações e como elas podem proporcionar a verdadeira felicidade.

3.3. O EPICURISMO ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

A preocupação com o aprendizado dos alunos é um dos principais incentivadores de vários estudos na área educacional. Essas pesquisas resultam não somente em inovações de ferramentas, mas também em métodos e estratégias de ensino. A sequência didática é um exemplo dessas estratégias citada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), como parte do processo de avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos:

O processo também contempla a observação dos avanços e da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos ao final de um período de trabalho, seja este determinado pelo fim de um bimestre, ou de um ano, seja pelo encerramento de um projeto ou sequência didática. (BRASIL, 1997, p. 53).

A Sequência Didática é uma metodologia de ensino que é caracterizada por um conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas pelo docente, etapa por etapa, para que o entendimento do conteúdo ou tema proposto seja alcançado pelos discentes. É uma atividade que tem como objetivo discutir o procedimento didático como forma de direcionar a aprendizagem de filosofia, valorizar as informações trazidas pelos alunos estimulando a aprendizagem através dos procedimentos empregados numa sequência. A partir de um conjunto organizado de materiais de diferentes naturezas direcionado ao ensino e/ou à prática da filosofia, ela é uma metodologia que aguça e valoriza a aprendizagem vivenciada pelos alunos, seja no ensino fundamental ou médio.

A sequência didática foi, primeiramente, pensada para ser realizada durante as aulas presenciais de Filosofia e toda a produção dos alunos seria parte dessa dissertação. Infelizmente com a suspensão das aulas presenciais durante boa parte dos anos de 2020 e 2021 impossibilitou a proposta inicial de

realiza-la com os alunos e apresentar os produtos dessas aulas. Logo a parte prática dessa pesquisa não pode ser realizada. A alternativa encontrada foi demonstrar teoricamente como ela foi pensada.

A sequência didática faz parte de um dos produtos educacionais para o ensino de filosofia. Com base nas informações do e-docente³, vejamos a tabela 03 que mostra os passos para elaborar uma sequência didática:

Tabela 01 - Como elaborar uma sequência didática:

<p>1º passo: Apresentação da proposta aos alunos</p>	<p>Apresentar aos alunos a proposta dessa estratégia e justificar sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Ainda, é necessário alinhar com os alunos os resultados esperados e como essa sistemática será executada.</p>
<p>2º passo: Definição dos objetivos</p>	<p>Para que a sequência didática seja efetiva, é necessário que os alunos conheçam os seus objetivos e finalidades.</p>
<p>3º passo: Definição da sequência</p>	<p>O professor deve pensar as atividades e os exercícios que gostaria que os alunos executassem de acordo com o(s) objetivo(s) traçados. Para que a estratégia seja efetiva, é preciso que as atividades sejam diversificadas, mas sequenciadas de forma lógica e organizadas de maneira que fique clara sua continuidade.</p>

³ O e-docente é um portal de conteúdos sobre educação pensado para o professor, mantido pelas editoras Ática, Scipione, Saraiva e Atual.

	Somente com tarefas adequadas será possível alcançar o(s) objetivo(s) traçado(s) e ainda desenvolver outras competências e habilidades dos alunos ao longo do processo.
4º passo: Produção final	Visa analisar o que foi aprendido ao longo da execução das atividades da sequência didática proposta. De forma alguma essa fase deve ser ignorada, pois nela é atestada a eficácia ou não das ações propostas de acordo com o(s) objetivo(s) pretendidos.

Fonte: e-docente, 2019.

Para realizar a sequência didática é necessário elaborar planejamento que inclua: 1) O tema a ser trabalhado; 2) O objetivo da sequência didática; 3) Os conteúdos a serem trabalhados; 4) Habilidades da BNCC a serem desenvolvidas; 5) Tempo de execução da sequência didática; 6) Materiais necessários para a execução das atividades da sequência; 7) Detalhamento de cada aula da sequência; e 8) Finalização da sequência. A sugestão de sequência didática destina-se às aulas de Filosofia e pode ser desenvolvida com qualquer série do ensino médio:

- Tema da sequência didática: ÉTICA EPICURISTA.
- Objetivos da sequência didática: Apresentar o contexto filosófico no qual surge o epicurismo; Expor os principais aspectos da filosofia de Epicuro; Pensar e questionar a hipótese de uma vida completamente desapegada de bens materiais nos dias atuais; Pensar possíveis soluções para os problemas contemporâneos.
- Conteúdos a serem trabalhados: Panorama geral da Filosofia Helenista; Doutrina epicurista; A ética em Epicuro; Interpretações possíveis da Ética epicurista.

- Habilidades da BNCC a serem desenvolvidas: EM13CH501- “Compreender e analisar os fundamentos da ética, em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizam a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade)” (BRASIL, 2018, p. 564).
- Tempo de execução da sequência didática: 6 aulas.
- Materiais necessários: Texto de apoio, quadro branco, pincel, notebook, Datashow, pincel atômico, cartolinas, folhas de papel ao maço ou ofício.⁴

Tabela 2: Detalhamento das aulas.

Sequência didática: Os jardins das Reflexões		
Temas	Procedimentos	Objetivos
1ª parte: Contexto histórico do surgimento do epicurismo: processo de dissolução da pólis e escolas helenísticas.	<p>1) Em conversa com os alunos será apresentado o tema da sequência e que o mesmo será desenvolvido em 6 aulas.</p> <p>2) Será utilizado como material de apoio o vídeo: Escolas filosóficas no período helenístico, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xWlhN NRBOv8 para ilustrar o período helenístico.</p>	Contextualizar o período histórico do surgimento das escolas helenísticas.
2ª parte: O que é o Epicurismo?	<p>1) Disponibilizar via e-mail ou WhatsApp a letra da paródia (Anexo 01) sobre o Epicurismo e a liberdade disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fi79SrSLa0Y</p> <p>2) Projetar slides sobre quem foi Epicuro e as características principais de sua doutrina. (Anexos 02 a 06)</p>	Conceituar o Epicurismo.
3ª parte: Carta sobre a felicidade (a Meneceu)	<p>1) Disponibilizar via e-mail ou WhatsApp a cópia da obra Carta sobre a felicidade de Epicuro aos alunos (Anexo 07), em seguida realizar a leitura, fazendo com que o aluno perceba o que Epicuro quer transmitir em sua carta e os principais temas contidos nela.⁵</p>	Proporcionar o contato com um texto filosófico.

⁴ Material destinado as aulas presenciais (quando for o caso) e remotas.

⁵ Sugere-se que essa atividade possa ser realizada ao ar livre, como numa praça ou jardim, quando houver a possibilidade.

4ª parte: Reflexões acerca da felicidade	<ol style="list-style-type: none"> 1) Iniciar com a seguinte atividade: A partir do conceito de felicidade dado por Epicuro pedir para os alunos relatarem suas dificuldades atuais e responder: É possível pensar em ser feliz? A escola é um ambiente que proporciona felicidade?⁶ Explicar. 2) Os alunos devem debater e redigir um texto sobre suas conclusões que deve ser entregue no próximo encontro. 	Promover um momento de reflexão sobre o tema felicidade.
5ª parte: Os prazeres	<ol style="list-style-type: none"> 1) Expor os tipos de prazeres (Anexo 08) - naturais e necessários, naturais e não necessários, não naturais e não necessários; 2) Dividir a turma em três grupos, conforme os tipos de prazeres, onde cada grupo escreverá em uma cartolina o maior número de exemplos possíveis; 3) Em seguida cada grupo irá eliminar de seus exemplos os prazeres supérfluos deixando apenas o necessário para a vida; 4) Debater se é possível viver apenas com o que é necessário em uma sociedade onde a felicidade está associada ao consumo. 	Interpretar o conceito de prazer na doutrina epicurista.
6ª. Parte: Proposta de avaliação	<ol style="list-style-type: none"> 1) A partir do que que foi apresentado sobre a doutrina de Epicuro, reescreva a <i>Carta sobre a felicidade</i>, expondo os problemas enfrentados atualmente e indicando também sugestões para a solução dos mesmos. 2) A partir dessa reflexão o aluno deve produzir um material didático, destacando as principais características da doutrina epicurista ou as dificuldades enfrentadas pelos jovens atualmente como, por exemplo, o desemprego, o distanciamento social, a amizade, o medo da morte, entre outros. 	

⁶ A sugestão é realizar essa atividade num espaço de convivência na própria escola, quando for possível.

Todas essas atividades podem ser utilizadas para a confecção de materiais didáticos produzidos pelos alunos. Entre eles: cartilhas, fanzines, quadrinhos; memes, criação de páginas no Facebook ou Instagram, que podem ser utilizadas tanto no ensino remoto quanto no presencial. Tais atividades estimulam o “protagonismo juvenil” previsto na BNCC, a saber:

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018, p.562).

A avaliação proposta também contempla a competência 05, especificada nas Competências Gerais da BNCC:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 09).

Como a sequência didática foi pensada de forma a ser desenvolvida de maneira remota ou presencial, caso haja a possibilidade, na medida em que os contatos mais próximos forem restabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sabedoria de Epicuro volta-se para o exercício prático de atitude perante a vida. Nesse âmbito, a *Carta a Meneceu* exorta ao exercício do filosofar como caminho indispensável ao maior dos bens, a felicidade compreendida e realizada na vida. É neste sentido básico que a *Carta* tem o caráter de um pensamento ético. O exercício do filosofar é impregnado de seu fim prático que reúne a reflexão, os afetos e a experiência corpórea. E, ainda, da amizade como o elo necessário entre a felicidade do indivíduo e a harmonia da comunidade.

A partir de sua doutrina, Epicuro nos mostra possibilidades de fermentar, nos jovens, o desenvolver de seu próprio alimento, que os nutre na capacidade de gerenciar a si mesmos, sem medo, dentro dos limites de suas possibilidades e de sua natureza, promovendo a autonomia no pensar e agir. A filosofia, como fonte de educação, é capaz proporcionar uma vida em conformidade com a sabedoria que o conhecimento da natureza nos proporciona, sabedoria que nos ensina a lidar com a vida buscando o fim último e o maior bem que é a felicidade.

Essa pesquisa dedicou-se a compreender se é possível trabalhar os textos de Epicuro nas aulas de filosofia no ensino médio. A proposta era poder fazer discussões e proporcionar reflexões sobre os problemas atuais dos estudantes, bem como criar uma metodologia que fosse ao encontro de tentar facilitar o entendimento do texto filosófico, que contemplasse as diretrizes da BNCC e contribuísse com o processo de ensino de filosofia.

Inicialmente, a proposta de trabalhar o epicurismo em sala de aula, apresentava atividades em grupo, em locais, dentro e fora da escola, o que não foi possível ser desenvolvido devido às restrições de mobilidade impostas pela pandemia de Covid-19. Devido a isso, toda a programação anteriormente pensada para a aplicação da pesquisa teve que ser totalmente reformulada.

Com a suspensão das aulas presenciais e a adoção do modelo de aulas remotas, a própria secretaria de educação estabeleceu todo o conteúdo para ser trabalhado nas aulas on-line, seguindo as diretrizes do projeto “Aula em Casa”, o que inviabilizou a parte prática da pesquisa.

Além disso, foram muitas as dificuldades de acesso as aulas enfrentadas pelos alunos, como a falta de conexão, por exemplo, e outros problemas que já foram citados anteriormente. As adversidades vão desde a falta de um aparelho celular, computador, tabletes, até a falta de domínio das plataformas que foram utilizadas para a continuidade das aulas de maneira remota. São várias as críticas que possíveis de se fazer a respeito das aulas remotas, uma delas é que ninguém, nem pais, nem alunos, nem professores e nem gestores, tinham formação para realizar tão difícil tarefa. O ponto positivo é que nos forçou a saímos da nossa “zona de conforto” e nos fez voltar nossos olhares para a possibilidade de ensino através do mundo virtual.

Outro ponto importante para ser ressaltado é que com as aulas híbridas (presencias e remotas), as aulas de filosofia que antes eram semanais, passaram a ser mensais, devido ao cronograma estipulado pela própria secretaria de educação. Essa rotatividade dos tempos de aula comprometia toda a sequência nos conteúdos, muitas vezes tendo que retomar a linha de pensamento da aula anterior fazendo com que comprometesse ainda mais o processo ensino-aprendizagem, o que contribuiu também para que não conseguíssemos alcançar os resultados esperados e impossibilitando a realização da sequência didática com os alunos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Maurício. **Como ensinar filosofia?** O desafio do filósofo educador. São Paulo: Mercuryo Novo Tempo, 2009.

ALVES, Dalton Jose. **A filosofia no ensino médio:** Ambiguidades e contradições na LDB. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

AMAZONAS. **Decreto nº 42.061**, de 16 de março de 2010. Disponível em: <https://www.transparencia.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Decreto-n-42.061-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020-Decreta%C3%A7%C3%A3o-de-situa%C3%A7%C3%A3o-de-emerg%C3%Aancia-na-sa%C3%BAde-p%C3%BAblica-do-AM-e-INSTITUI-o-Comit%C3%AA-Intersectorial-de-Enfrentamento-e-Comabte-ao-COVID19.pdf> Acesso em: 20 de mar. de 2020.

AMAZONAS. **Decreto nº. 42.063**, de 17 de março de 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=393435> Acesso em: 20 de mar. de 2020.

AMAZONAS, **Decreto nº.42.087**, de 19 de março de 2020. Disponível em: <http://www.pge.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/Decreto-42087-de19.3.2020.pdf>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

AMAZONAS. **Resolução nº. 30/2020**, de 18 de março de 2020. Disponível em: <http://www.cee.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Resolucao-No-30-2020-CEE-AM-CEE-Regime-nao-Presencial.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

BRASIL, 2018. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 de mar. de 2021.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**, s/d. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-

[1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,Art.](#) Acesso: em 25 de mai. de 2021.

BRASIL, **Lei Nº 11.684, de 02 de junho de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11684.htm. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

BRASIL, Lei 9394/96: **Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 de jun. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. 75p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 22 de mai. de 2020.

BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Tradução Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**, Editora Ática, São Paulo, 2008.

DIÔGENES LAËTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução Mario da Gama Kury. 2. Ed. Brasília: UNB, 2008. Pp. 283-315. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/diogenes-laertios-vidas-e-doutrinas-dos-filosofos-ilustres/4910084/>. Acesso em: 04 de set. de 2016.

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. Campinas (SP): Papyrus, 1996, p 86.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: a Meneceu. Edição bilingue. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

EPICURO. **Máximas Principais**. Texto, tradução e comentários João Quartim de Moraes, São Paulo, Edições Loyola, 2010.

EPICURO. **Sentenças Vaticanas**. Texto, tradução e comentários João Quartim de Moraes, São Paulo, Edições Loyola, 2014.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2009.

GIOVACCHINI, Julie. **Epicuro**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira, São Paulo, Estação Liberdade, 2019.

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odisseus Editora, 2005.

MORAES, João Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**, São Paulo: Moderna, 1998.

MORAES-FILHO, Evaristo de. **O ensino de filosofia no Brasil**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Biblioteca Nacional, 1959.

PESSANHA, José Américo Mota. **As delícias do Jardim**. In. NOVAES, A. (org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pp 1-20. Disponível em: <https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/qualificalideres/Content/material/Texto%20de%20Epicuro.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAVIAN-FILHO, Juvenal. **O Epicurismo e a ética: uma ética do prazer e da prudência**. Bioethikos. Centro Universitário São Camilo. 2009. Pp 10-17. Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/68/10a17.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2019.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA, e.docente, 2019. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/escola/sequencia-didatica-para-educacao-basica>. Acesso em: 13 de dez. de 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia: guia do professor**. São Paulo, Cortêz, 2009.

SILVEIRA, Renê J.T; GOTO, Roberto (org.). **Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2007.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

**APÊNDICE A – MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS
AULAS NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**



**APÊNDICE B – MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS
AULAS NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**



**APÊNDICE C – MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS
AULAS NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**



**APÊNDICE D – MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS
AULAS NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**



**APÊNDICE E – MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS AULAS
NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**



**APÊNDICE F– MENSAGENS ANIMADAS DIVULGAÇÃO DAS AULAS
NA PLATAFORMA GOOGLE MEET**

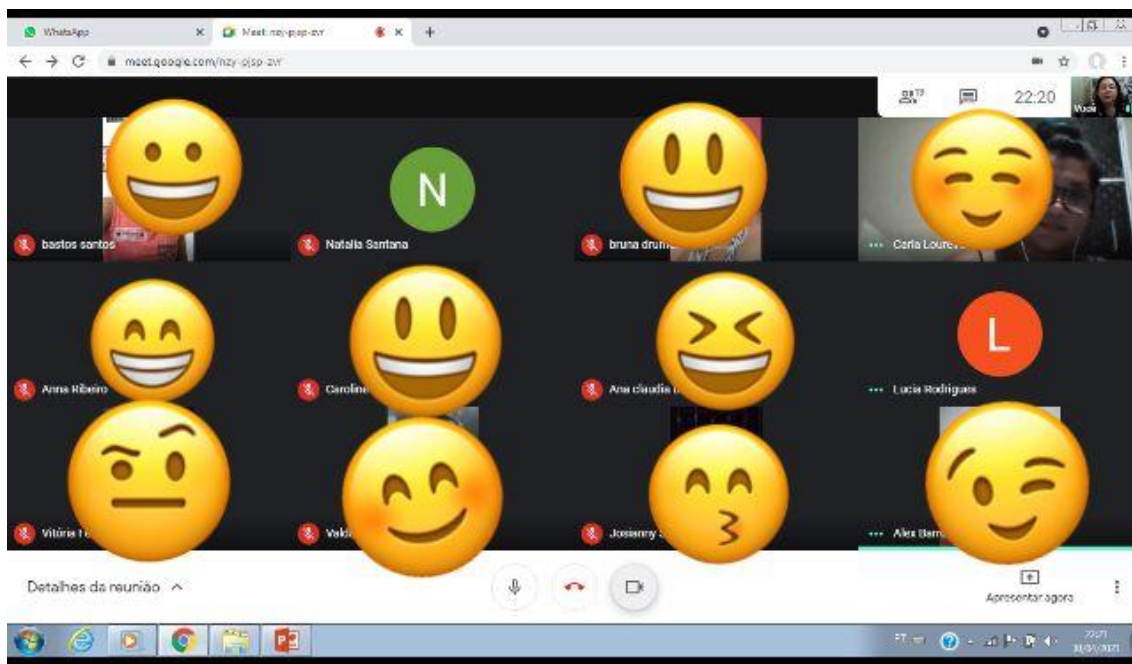


APÊNDICE G – IMAGEM 1º. 03 (TURNO NOTURNO)



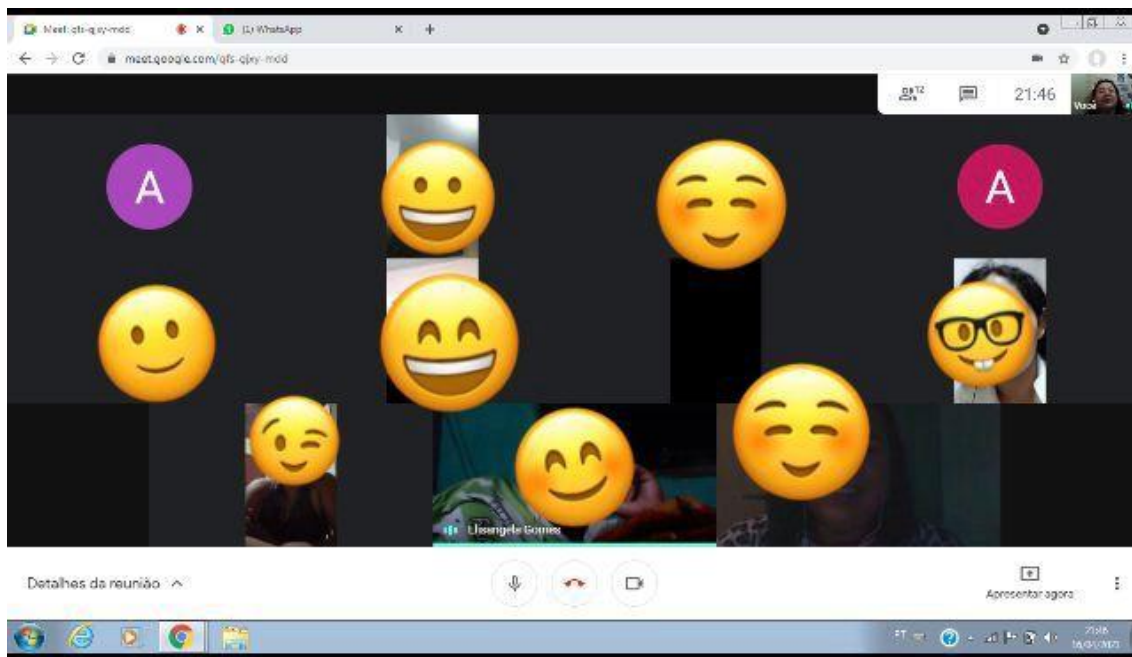
Créditos da imagem: Andréa Costa.

APÊNDICE H - IMAGEM 3º. 02 (TURNO NOTURNO)



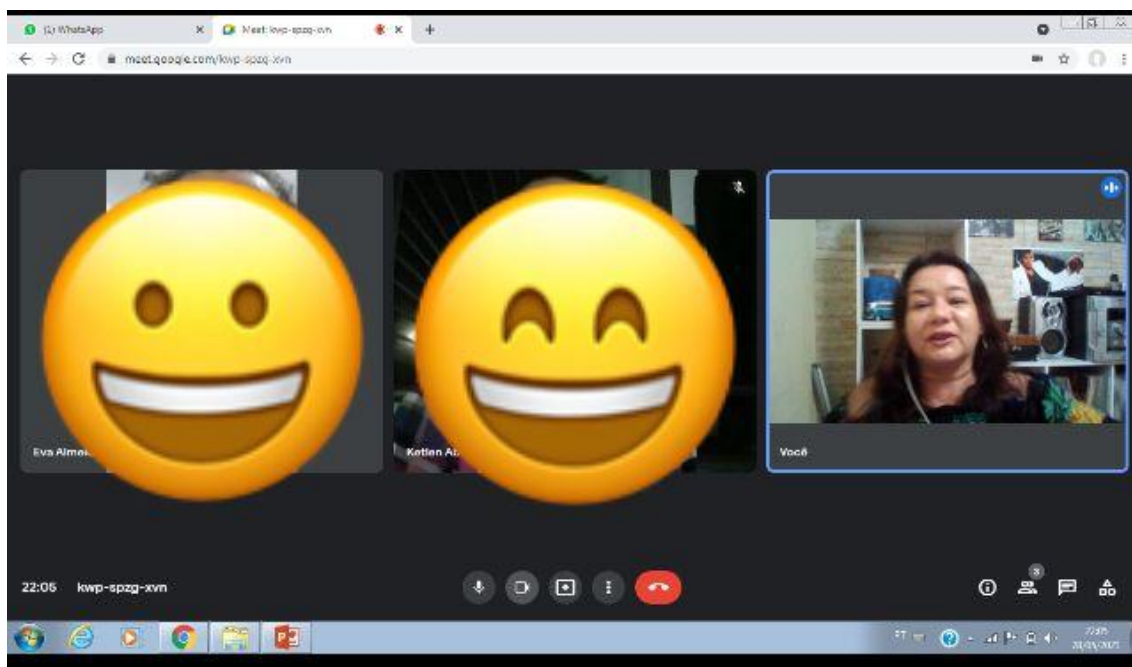
Créditos da imagem: Andréa Costa,

APÊNDICE I – IMAGEM: 1º. 01 (TURNO NOTURNO)



Créditos da imagem: Andréa Costa.

APÊNDICE J– IMAGEM 2º.01 (TURNO NOTURNO)



Créditos da imagem: Andréa Costa.

APÊNDICE L - IMAGEM 1º. 02 (TURNO NOTURNO)



Créditos da imagem: Andréa Costa

APÊNDICE M – IMAGEM 3º. 03 (TURNO NOTURNO)



Créditos da imagem: Andréa Costa.

ANEXOS

Anexo 01: Música Epicurismo e a felicidade

*EPICURISMO E A FELICIDADE (LETRA: projeto Dom Quixote)

Fala Epicuroooooo
 Helenismo, eh “nóis”
 No Epicurismo pra uma vida boa e prazerosa
 Fala Epicuro
 Tem que suportar o sofrer e o medo e ser feliz
 Fala Epicuro
 No Epicurismo pra ser feliz
 É necessário, fala Epicuro
 Ter liberdade
 A amizade
 E meditar
 Fala Epicuro

No jardim eu ensino uma ética
 Destinada à vida prazerosa
 Não é o prazer dos depravados e dos bêbados
 E nem aquilo que te inquieta
 É na ausência da dor e paz de espírito que a gente caminha
 Aponia e Ataraxia nos convertendo no que se espera

A vida é uma procura
 Por isso vem ao meu lado
 Jamais será superado
 Quem vem com Epicuro
 Não viva numa loucura
 A alma equilibrada
 Viva prazeres corretos oi oi oi oi oi oi
 Filósofa comigo e se liberte dos medos oi oi oi oi oi oi
 Seja um velho ou jovem vem meditar com Epicuro oi oi oi oi oi oi

* Paródia da música “Vem dançar com tudo” (Robson Moura e Lino Krizz).

Anexo 02: Slides sobre o epicurismo.

EPICURISMO

O Epicurismo surge nos arredores de Atenas. Era uma escola conhecida por seus lindos jardins, nos quais Epicuro ministrava suas aulas, por isso ficou conhecida como "Filosofia do Jardim".

O Epicurismo se baseia em cinco pontos principais:

A realidade é plenamente penetrável e compreensível pela inteligência do homem.

Nas diversas situações o homem pode construir sua felicidade.

A felicidade significa a ausência de dores no corpo e perturbação na alma.

Para atingir esta paz e felicidade, o homem só precisa de si mesmo.

A felicidade não depende da nobreza, da riqueza, dos deuses, ou das conquistas exteriores, pois o homem só é feliz quando é autônomo e independente de condicionamentos exteriores.

No epicurismo a lógica e a física eram rudimentares, mas ambas estavam subordinadas à ética da arte de viver.

Anexo 03

A LÓGICA DO EPICURISMO:

A lógica elabora o caminho para a verdade, nela os sentimentos são mensageiros da verdade.

Toda sensação é objetiva, é produzida por alguma coisa, sendo, portanto, verdadeira.

A sensação colhe o ser essencial de modo infalível e não confunde a alma, como pensa Platão.

Sobre as idéias e as representações mentais, Epicuro afirma que elas são memória daquilo que vem do exterior, isto é, a experiência deixa na mente uma impressão das sensações passadas, e essa impressão permite conhecer as coisas.

É esta lógica que vai fundamentar a ética epicurista em termos opostos aos de Platão.

Anexo 04

A ÉTICA DO EPICURISMO

Com base na lógica apresentada, os sentimentos de prazer e dor permitem distinguir o bem e o mal.

O bem é tudo aquilo que proporciona prazer e o mal é tudo aquilo que proporciona dor. Não se trata porém de uma filosofia hedonista, na medida em que a busca do prazer deve obedecer ao comando da razão e do bom senso.

Sobre o prazer, Epicuro dirá que este é a ausência de dores no corpo e a falta de perturbação na alma.

Não se trata, porém, de dissipação e torpeza, trata-se do prazer segundo o sóbrio raciocinar, é o prazer escolhido com sabedoria.

Anexo 05**EPICURU ANALISA TRÊS TIPOS DE PRAZER**

Prazeres Naturais e Necessários: Como é o caso de comer quando se tem fome e repousar quando se está cansado. Não inclui os prazeres do amor e do desejo, pois estes causam a perturbação da alma e não são nem naturais nem necessários.

Prazeres Naturais e Não Necessários: Como é o caso de comer bem e vestir-se com apuro.

Prazeres Não Naturais e Não Necessários: São prazeres vazios, baseados em opiniões falsas, dentro os quais, o desejo de riqueza, poder e honras. Estes prazeres produzem a perturbação da alma e não aliviam a dor do corpo.

Anexo 06

A AMIZADE, A POLÍTICA E A MORTE SEGUNDO O EPICURISMO

Esta filosofia enxerga o homem, não mais como cidadão, mas como homem privado.

A AMIZADE para Epicuro:

"De todas as coisas que a sabedoria busca, em vista de uma vida feliz, ao maior bem é a conquista da amizade".

"A Amizade anda pela terra, anunciando a todos que devemos acordar para dar alegria uns aos outros".

"A riqueza, segundo a natureza, esta inteira no pão, na água e no abrigo qualquer para o corpo,, a riqueza supérflua multiplica os desejos e perturba a alma. O maior dos prazeres é a amizade, trata-se do laço verdadeiro entre os indivíduos, é ver um outro como eu".

Anexo 07

A POLÍTICA

A POLÍTICA para Epicuro é a busca do poder, da fama e da riqueza. Ela é enganosa miragem, tão vazia quanto as coisas que busca. Neste sentido, a vida pública não enriquece o homem, mas o dispersa e dissipa.

A vida política não é natural, causa perturbações na alma e dores no corpo, comprometendo a felicidade. "Retira-te para dentro de ti mesmo, porque a coroa da serenidade é superior à coroa dos grandes imperadores".

Anexo 08

OS QUATRO REMEDIOS PARA EVITAR O SOFRIMENTO

Vazios são os temores com relação aos deuses e ao além.

A morte não é nada, e deve ser encarada sem pavor.

O prazer bem entendido pode dar felicidade a todos.

O mal dura pouco e é suportável.

A MORTE quando chega, nada sentimos e enquanto não chega não é real. Portanto é um mal para que nutre falsas opiniões sobre ela



Nenhum prazer é em si um mal, porém certas coisas capazes de engendrar prazeres trazem consigo maior número de males que de prazeres. ...

Anexo 09

Carta sobre a Felicidade

Epicuro envia suas saudações a Meneceu

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.

Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo o bem e todo o mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; viver não é um fardo e não-viver não é um mal.

Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades.

Se ele diz isso com plena convicção, por que não vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem.

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha ou recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.

Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita. Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade

nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau.

Medita, pois, todas essas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade* (A Meneceu). Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Anexo 10**OS DESEJOS SEGUNDO EPICURO**

1) Naturais e necessários:	Ligados à preservação da vida do indivíduo.
2) Naturais e não necessários:	Desejos oriundos das variações supérfluas dos prazeres naturais.
3) Nem naturais nem necessários:	São os desejos vãos.